PIXÉ

REVISTA LITERÁRIA

ISSN 2674 7006

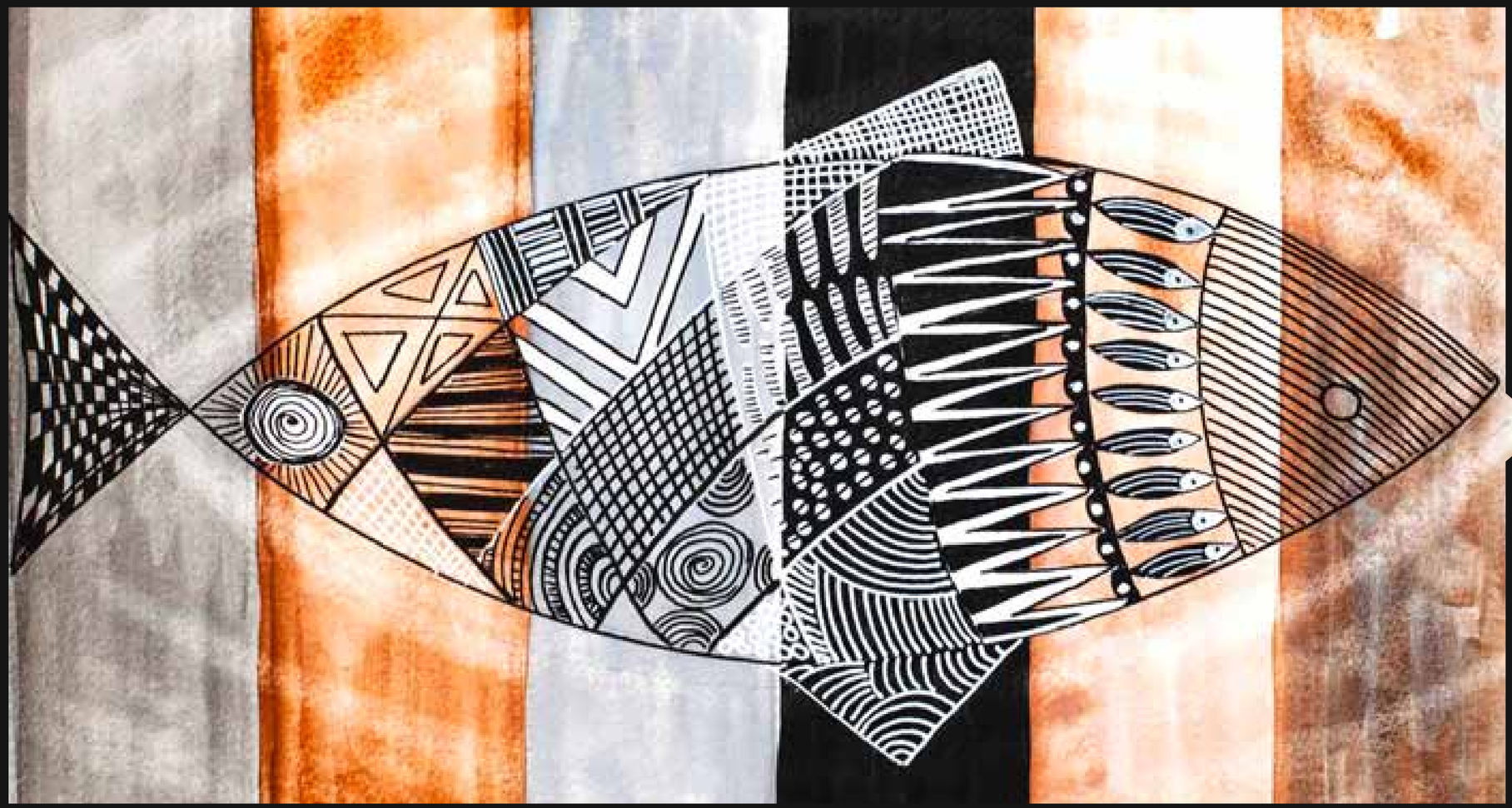
EDIÇÃO Nº 18
ANO 2
SETEMBRO/2020

Eduardo Mahon
Editor Geral

EDITORIAL

Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília Beatriz. Marília. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília Beatriz. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília. Marília Beatriz. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília Beatriz. Marília. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília Beatriz. Marília. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília Beatriz. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília. Marília Beatriz. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília Beatriz. Marília. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília Beatriz. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília. Marília Beatriz. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília Beatriz. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília. Marília Beatriz. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília Beatriz. Marília. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília Beatriz. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília. Marília Beatriz. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília Beatriz. Marília. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília Beatriz. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília. Marília Beatriz. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília Beatriz. Marília. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília Beatriz. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília. Marília Beatriz. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília Beatriz. Marília. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília Beatriz. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília. Marília Beatriz. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília Beatriz. Marília. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília Beatriz. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília. Marília Beatriz. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília Beatriz. Marília. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília Beatriz. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília. Marília Beatriz. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília Beatriz. Marília. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília Beatriz. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília. Marília Beatriz. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília Beatriz. Marília. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília Beatriz. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília. Marília Beatriz. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília Beatriz. Marília. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília Beatriz. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília. Marília Beatriz. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília Beatriz. Marília. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília Beatriz. Saudade.

FOTO: ***LUIZ GERALDO MARCHETTI***



SUMÁRIO

2 Editorial
6 Olga Maria Castrillon-Mendes
8 Aclyse Mattos
10 Adilson Wagner de Oliveira
12 Adriano Espíndola
14 Caio Ribeiro
16 Caio Leite
18 Clark Mangabeira
20 Divanize Carbonieri
22 Eduardo Mahon
24 Fernando Tadeu de Miranda Borges
26 Inae Manuele Nascimento de Oliveira
28 Janet Zimmermann
30 João Bosquo
32 Joyce Nascimento Silva
34 **Adriana Milano**
38 Lívia Bertges
40 Lorenzo Falcão
42 Lucas Lemos
44 Lucas Rodrigues
46 Lucinda Persona
48 Luiz Renato
52 Marília Beatriz de Figueiredo Leite
56 Marilza Ribeiro
58 Marli Walker
60 Marta Cocco
62 Matheus Barreto
64 Moema de Figueiredo Leite
66 Naiara Pereira
68 Olga Maria Castrillon-Mendes
70 Edson Flávio
72 Anna Maria Ribeiro

EXPEDIENTE

Direção Geral e Edição: Eduardo Mahon
Colaboradores desta edição: Olga Maria Castrillon-Mendes, Aclyse Mattos, Adilson Wagner de Oliveira, Adriano Espíndola, Caio Ribeiro, Caio Leite, Clark Mangabeira, Divanize Carbonieri, Eduardo Mahon, Fernando Tadeu de Miranda Borges, Inae Manuele Nascimento de Oliveira, Janet Zimmermann, João Bosquo, Joyce Nascimento Silva, Lívia Bertges, Lorenzo Falcão, Lucas Lemos, Lucas Rodrigues, Lucinda Persona, Luiz Renato, Marília Beatriz de Figueiredo Leite, Marilza Ribeiro, Marli Walker, Marta Cocco, Matheus Barreto, Moema de Figueiredo Leite, Naiara Pereira, Edson Flávio, Anna Maria Ribeiro.
Projeto Gráfico/Diagramação: Roseli Mendes Carnaíba
Artista Visual Convidado: Adriana Milano

NUM PESCAR DE OLHOS

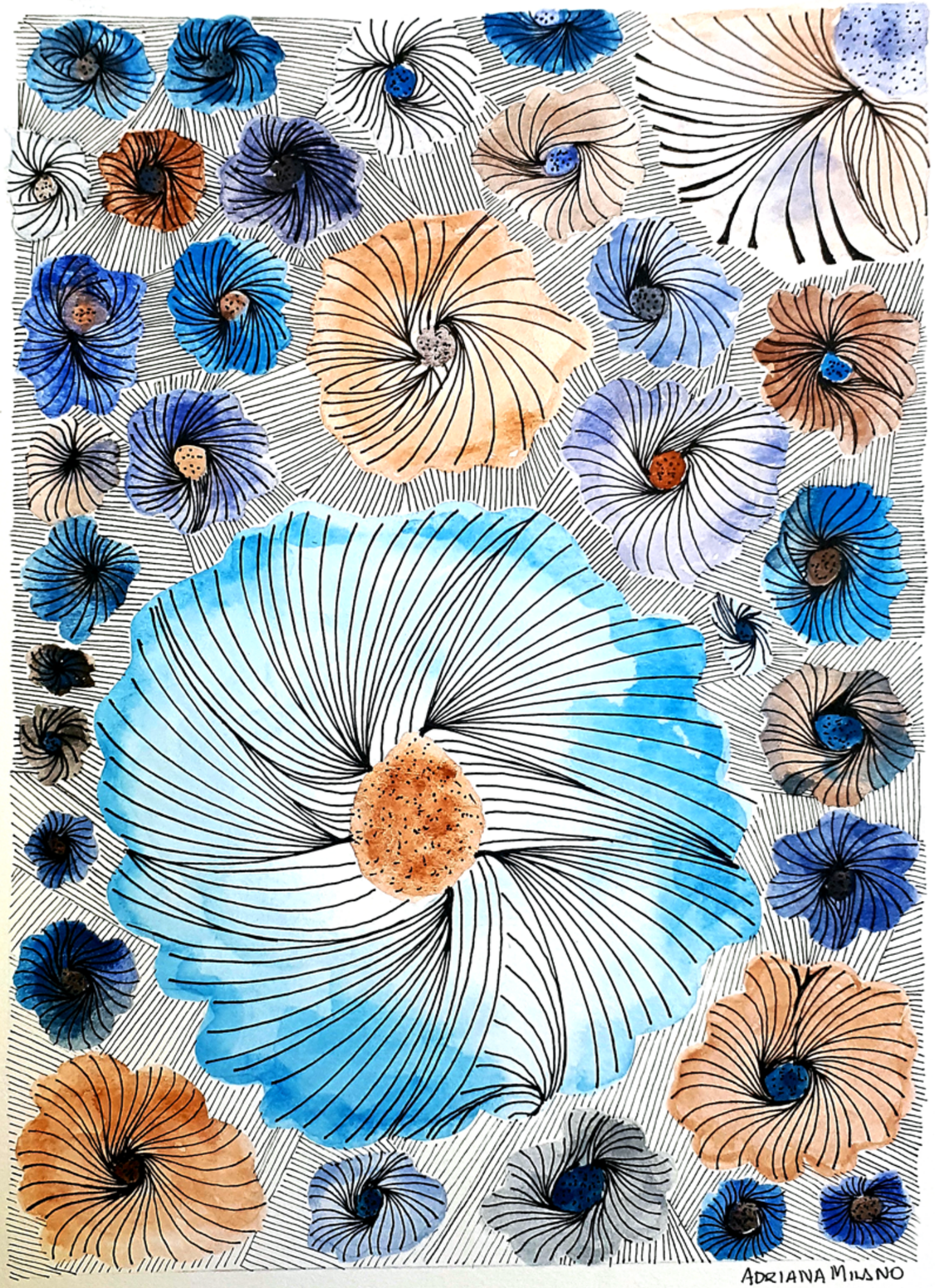
Olga Maria Castrillon-Mendes
É professora do Curso de Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso/UNEMAT, dos Programas de Mestrado Profissional em Linguagem/PROFLETRAS e Colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários/PPGEL/UNEMAT. É Sócia Efetiva do Instituto Histórico e Geográfico de Cáceres e da Academia Mato-Grossense de Letras; Líder do Grupo de Pesquisa "Questões históricas e compreensão da literatura brasileira" (CNPq/UNEMAT/2002). Integra os Grupos: RG Dicke de Estudos em Cultura e Literatura de Mato Grosso (CNPq/UFMT). É autora de Taunay viajante: construção imagética de Mato Grosso (Cuiabá: EdUFMT, 2013) e Discurso de constituição da fronteira (www.unemat.br/publicações/e-book, 2017), além de artigos em periódicos e coletâneas nacionais e internacionais.

VIVER, ESCREVER E MORRER?

Qual o limite entre viver, escrever e morrer? Pode não haver respostas, mas travessias. Nas inquietações sobre a vida, a literatura se confunde com o real visível, adentra-se em teias pelas interinidades e extrapola na osmose da criação, cuja matéria circundante se abre para deixar a poesia habitar. Se há dissimulação total ou parcial, cabe ao leitor negá-la ou não. Tem a ver com o mecanismo do olhar que nasce nas fendas do estranhamento, nas veredas em formato de suspeitas desafiadoras. O poeta viola o normal, embrenha-se pelas implicaturas de olhares transversos. Na indeterminação da vida, a morte é a grande (e cruel) metáfora e fica na escritura do pulo no vazio, no cósmico da representação do mundo onírico em que a dimensão de um novo real está em permanente construção. É um vir-a-ser em campos de infinitas combinações e surpresas, fina sintonia que conduz o poeta à admiração pelo que pode ser vivido/observado. Um rastilho de fôlego/fogo a que se entrega o poeta, maquinando desejos, escolhas, apreensão do contemporâneo mundo cindido.

O fenômeno viver/morrer, portanto, é complexo. Envolve muitos atores e setores. Inscreve-se no dilema da escrita. Quem escreve deseja dividir com o outro a urgente pulsão quase sobrenatural em lacunas que movem e desafiam o leitor, um refazedor dos textos.

Pela materialização do imaginário ou pelos devaneios, liberdade, desejos ou experimentações, o processo criativo é uma estratégia de enfrentamento e fator de construção de identidade. Necessidade ou satisfação; trabalho ou feitura artística; criatividade ou autonomia; resistência ou contato com o coletivo, escrever pode estar carregado do desejo de sair de si para projetar-se? O fascínio e o deslumbramento é o olhar da solidão que é essencial à criação. O tempo da escrita é o do *continuum* da experiência de um tempo sem tempo, em que o passado anseia por um presente que se esvai e um futuro que se determina pelo que será lembrado. Eros entregue a Thanatos, a vida nos braços da morte, tornando-se promessa de imortalidade. O que resta é a deusa-mãe da Poesia e da Memória, presas do canto da sereia. Assim, o jogo da criação se realiza num campo de hesitação, dos riscos de lançar-se. Sentimentos viajantes, errantes, como os de Marília Beatriz, cuja voz é da interinidade consciente da finitude. A morte, então, é aventura e obsessão entre o viver e o escrever. *O viver de véspera, ou antes mesmo.*



SARAU NO CÉU

Marília Maravilha:
O Mar de Marília tem mais ilhas
As ilhas de Marília tem mais mar
Os poemas de Marília, redondilhas,
Pensamentos a cantar

Lá num outro patamar
O Bandeira e a boa Irene
Num café a esperar
Vem Gervásio – Sente um pouco
Vamos logo conversar

Que Marília vai chegar
Vem secreta e vem sagrada
Poesia é pra voar
Vem veloz e vem alada
Ninguém pense ir pra Pasárgada
Que Marília vai chegar

03.08.2020
Um mês sem Marília

Aclyse Mattos
É escritor, poeta e professor da Faculdade de Comunicação e Artes da UFMT. Livros publicados: *Motosblim: a incrível enfermaria de bicicletas* (infantil – 2019) *O sexofonista* (contos - 2018), *Sabiapoca – Canção do Exílio sem Sair de Casa* (infantil – 2018), *Festa* (poesia – 2012), *Quem muito olha a lua fica louco* (poesia – 2000).

TESTAMENTO

Em vida, gostei de pouca gente.
Simpatizei-me por dezenas restritas
Afastei-me de vários conhecidos de infância,
Tolerei algumas pessoas por imperativo do ofício.
Usufrui da rispidez em diferentes décadas consecutivas.

Os dias me foram amargos por acolhimento próprio,
A raiva se mesclou ao oxigênio desde muito cedo,
A respiração azeda se habituou ao ambiente inóspito,
Enjeitar a vida me foi de contraditório agrado providencial

Renunciei ao livro verde de afazeres post mortem
Mas pude em vida elucidar os procedimentos de meus desejos
Aos sobreviventes de sangue e de afeto lhes discursei em demasia
Para que não se cometessem inconsistências dogmáticas no último encontro.

As preferências de um falecido primam por atendimento ipsis litteris
Reservei aos presentes do momento a satisfação da partida,
Por isso, pleiteei minhas aspirações póstumas em avanço
Por uma questão evidente de ordem e planificação

Ao funeral, poupem-se de cristandades alheias e rezas avulsas,
Poderão seguir todos livres de culpas espirituais por livrar-me de liturgias,
Usem-se de abraços fortes de apoio momentâneo e consolo recíproco
Lamentavelmente, estarei insensível aos afagos cutâneos.

Ao túmulo, assegurem a ausência de cruzes e anjos
Símbolos religiosos sempre me produziram asco, isento-me deles.
Ousem na arquitetura do jazido e nos materiais de cobertura rígida
Acabamento de cimento queimado dará o tom concreto industrial de agrado
Convertam em bebidas os investimentos em granito e mármore
Porém, façam festejos somente após a primeira semana.
Necessitarei de um tempo curto para me estabelecer.

Assegurei-me apenas dos recursos bancários para o dispêndio fúnebre
Restou-me pouco a deixar para embates e conflitos fraternos.
Da residência, monetizem-na instantaneamente entre os resilientes
Do automóvel, atribuam-no aos familiares menos afortunados
Dos livros, compartilhem-nos aos interessados mais prudentes
Antecipadamente, classifiquem-nos por ramos do conhecimento
Diversas aprendizagens do mundo estão lá dentro, multipliquem-nas

Das experiências degeneradas, avaliem-nas sob suas ópticas,
Julguem, adotem ou rejeitem todas elas compulsoriamente
O peso da consciência é a maior das assombrações da mente.
Por isso, recomendo de tempos em tempos essa leitura em detalhes.
A fim de satisfazer o mínimo dos desejos do coitado inativo.

Adilson Vagner de Oliveira
É professor na área de Linguagens do Instituto Federal de Mato Grosso, Campus Avançado Tangará da Serra, fez mestrado em Estudos Literários pela UNEMAT e doutorado em Ciência Política pela UFPE

Adriano B. Espíndola Santos
É natural de Fortaleza, Ceará. Autor do livro Flor no caos, pela Desconcertos Editora, 2018. Colabora mensalmente com a Revista Samizdat. Tem crônicas e contos publicados nas Revistas Berro, InComunidade, Lavoura, LiteraturaBr, Literatura & Fechadura, Pixé, Ruído Manifesto, São Paulo Review e Vício Velho. Advogado humanista. Mestre em Direito. É dor e amor; e o que puder ser para se sentir vivo: o coração inquieto.

INSÂNIA

Quando passava pela Rua Quinze, senti um choque que seria o surto da morte; uma febre nos ossos que me fez sentar e me escorar na parede do prédio abandonado. Eram cinco da tarde, e mirava, ao longe, a imagem de duas senhoras: uma muito novinha, de seus dezoito anos, e outra, com ar imponente de dona, a gesticular, como se contasse uma história extravagante, alheias às crianças que brincavam – por sinal, uma delas, muito próxima à jovem, parecia seu irmão ou, talvez, filho; um tanto familiar.

Aquilo me possibilitou, por segundos, o alívio da distração, no intento inconsciente de compreender o alarme estampado nos rostos. Em lapsos programados, alcançava que eu mesmo sentia algo terrível, lancinante; um repuxo muscular me torcia o rosto inteiro e a cabeça para trás, de súbito, como que esticando todas as extremidades. Depressa, as pernas se entrelaçavam, e os dedos enfiavam-se nas palmilhas gastas dos sapatos, comprometendo o fluxo sanguíneo.

Agonizante, com as mãos postas na altura do estômago, percebi que um senhor se aproximava para falar qualquer coisa. Não estava, absolutamente, para conversas tolas. Não conseguiria, nem se me esforçasse muito, travar um colóquio franco, cordial. Pensei em despachá-lo, de pronto. Mas o homem se chegava leve, carismático, com um ligeiro sorriso nos olhos, decerto apto a ajudar.

Sucedeu exatamente como imaginei. Perguntou sobre o que teria se passado comigo. Disse que, nessa idade, já sabia de muita coisa e poderia me acalmar e me orientar. Estava disposto a fazer o que estivesse ao seu alcance, me falou, com os olhos fixos, lacrimejantes. Notei, então, que seria um morador de rua, que poderia me pedir algum trocado; que, no fim, quando melhorasse, "passaria a sua conta". Ajuizei que não iria pagar coisíssima nenhuma.

Fechei o rosto, balançando a cabeça em negativa. Foi aí que, parece que percebendo o meu interesse, falou que aquelas senhoras estavam ali todos os dias, invariavelmente nesse horário, para brigarem em público. Interessei-me, de fato, porque, além do mais, tiraria o foco da dor. Falou que tentava afastá-las a todo custo do recinto, sua morada, sobretudo porque, volta e meia, acabavam se desentendendo gravemente e roubavam não só a sua paz, mas da comunidade inteira, que se via aflita, perturbada.

Enquanto falava entredentes, rareando o ar, nalguns momentos, querendo ganhar a minha atenção, eu quedava comprometido, com aquelas mãos distantes, que socavam o ar, em movimentos selvagens. "Dona Albertina, essa mais cheinha, é ranzinza, amargurada, porque o marido a deixou por uma mulher encantadora, que trabalhava justamente neste prédio, que antes era a casa de diversões".

Ainda murchava a cara de dor, mas estava fortemente tomado pela curiosidade. Perguntei-lhe como sabia de tanta coisa. "Meu filho, moro aqui há vinte e cinco anos, desde que fui à falência e acabei enxotado de casa pela mulher, por causa da miséria e da maldita pinga".

Estava, em partes, explicado. Ansiava me livrar da dor e da presença do homem, que desejava, mais que tudo, papear. Não o fiz porque o sujeito adentrava mais na história cabeluda, contando que o marido era um frequentador assíduo do lugar; que, por ser endinheirado, teria, inclusive, dado uma casa para a moça bonita, para tirá-la da zona.

Na sequência, pude me cientificar da fúria da dita mulher, largando um tapa certeiro na cara da mais nova; parecia cena de novela. A criança, atada às suas pernas, começou a chorar. E, sem poder tomar fôlego ou reagir, a suposta mãe era arrastada pelos cabelos. "Não ligue, senhor, isso acontece quase todos os dias. Voltam para casa aos tapas". Portanto, dizia o homem conformado, e até de certa forma satisfeito, que não tentaria mais ajudar porque, como de outra feita, poderia sobrar uma bordoada em seu ouvido. Ficara uma comprida semana sem escutar direito, e não sabia ao certo se teria a audição afetada para sempre.

Cada passo me custava muitíssimo. Mas fui; algo me impregnava de justiça. O que teria a mocinha a ver com os problemas da malvada? Que resolvesse só, sem prejudicar ninguém. "Cada um com seus problemas...", raciocinei. O homem, incrédulo, me seguia distante, com as mãos na cabeça: "Não faça isso. Não se meta, senhor. Isto é para o diabo". Nada me impediria de dizer umas verdades, atulhadas em minha boca, prontas para arrebentar a megera.

"Espere aí. Aonde pensa que vai? Acha mesmo que vai sair batendo nas pessoas e se safar ilesa?". "Ah, pois bem, veio tomar as dores da bandida, não é?". "Ainda por cima chama a filha de bandida...". "Filha? Rs. Esta cretina é minha sobrinha, e olhe lá! Está aqui de favor... E o senhor não tem nada com isso!". "Não admito que batam em pessoas indefesas!". "Indefesa? Rs. O senhor é um tolo mesmo. Essa se acostumou aos pequenos trambiques, rouba dinheiro de minha bolsa, até objetos de casa, aproveitando-se que sou quase cega e surda, e vem se divertir nessa amaldiçoada casa dos prazeres com esse canalha que estava há pouco com o senhor".

Olhei para trás, o canto mais limpo. A dor me tornara, além do mais, confuso. Não tive meios para rebater. Sentei-me no banco, com as mãos no estômago, e acompanhei a moça com a cria acompanhando a tia, por livre e espontânea vontade, ainda que sufocada, olhando-me com cara de ajuda; ao passo que a tia a admoestava, rogando-lhe pragas, suplicando que fosse embora na manhã seguinte, cedinho, antes de se deparar novamente com sua cara sonsa.

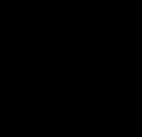
Demorei ainda algumas horas para me desligar da cena. Que deveria ter agido, ainda assim. Que não se deve permitir, em hipótese alguma, uma agressão. Que era minha obrigação questioná-la desse círculo vicioso nocivo.

...

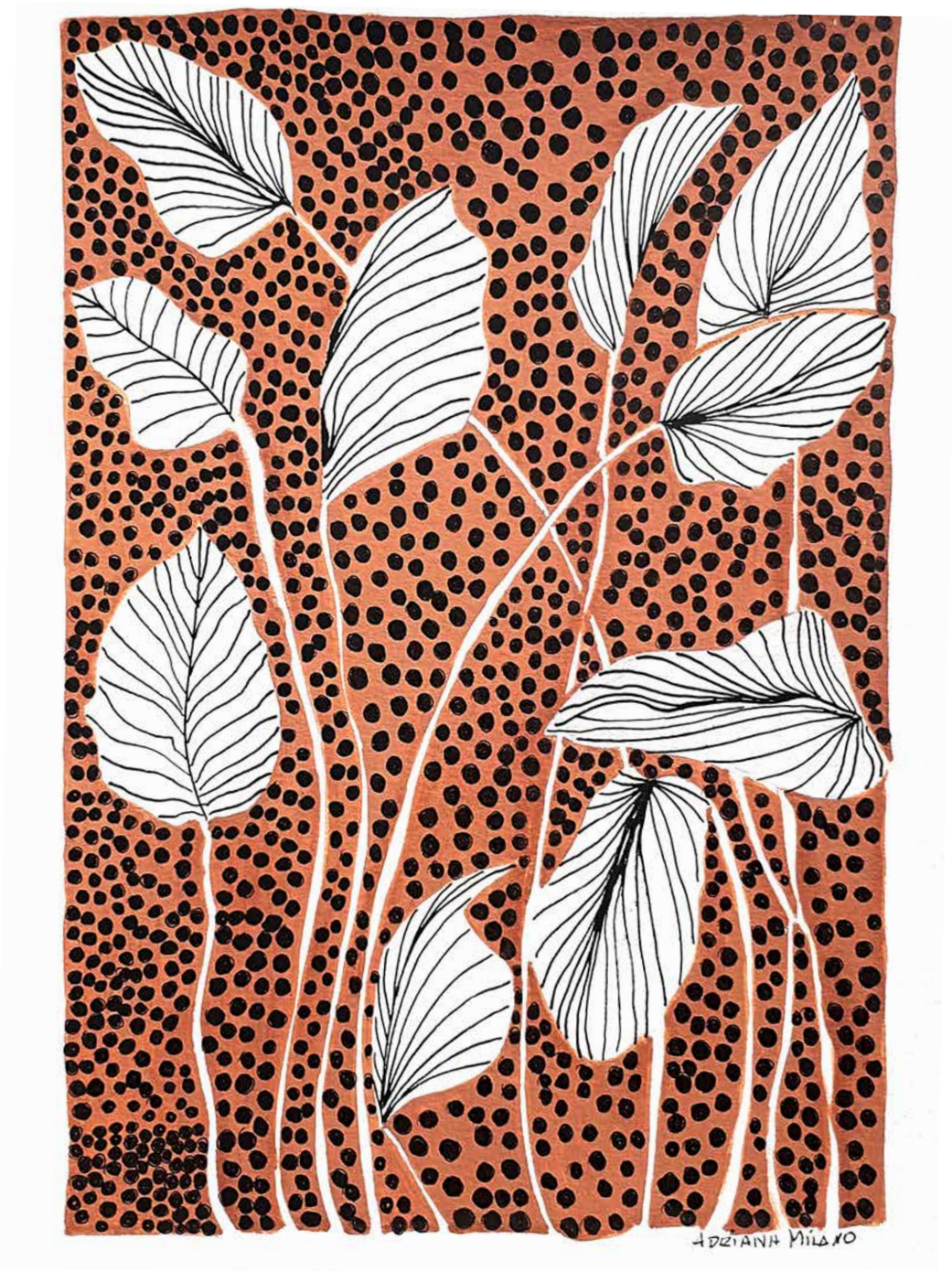
Acordei, com os olhos tesos, com a cara para o teto frio. Uma nuvem densa me aturdia; eram vultos rondando por toda parte. Encarar diretamente me atacava em calafrios; me submergia em trevas e provocava ânsias de vômito. Luiza, então, despertou. Tomou meu pulso. Tocou levemente meu rosto, com sua mão macia, e me pediu calma: "Meu amor, de novo? O mesmo sonho? Tente dormir. Amanhã será um lindo dia, pode acreditar. Confie em mim".

Até hoje seguro as mãos de Luiza como se fossem as de minha mãe. Sinto-me inteiro, seguro, crente que um dia libertarei os espíritos errantes de minha ascendência para a sua verdadeira morada.

NÃO HÁ MAR SEM ILHA



Caio Augusto Ribeiro
É ator e diretor inscrito pelo DRT 0000651\MT. Começou os trabalhos como ator em 2009. Autor do livro "Porão da Alma" (clube de autores), Colecionador De Tempestades (Carlini&Caniato) e Manifesto da Manifesta (Carlini&Caniato), diretor do curta-metragem Réquiem Para Flores (2017). Fundador do coletivo de artes hibridas Coma A Fronteira. Atualmente desenvolve trabalhos levando poesias e processos criativos para as escolas e faculdades. Realiza oficinas voltadas para produção poética, arte urbana e teatro. Mas no fundo, prefere passar o dia no jardim olhando folhas e formigas.



Caio Augusto Leite
Nasceu em São Paulo em 1993. Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (USP) com dissertação sobre *A Paixão segundo G.H.*, de Clarice Lispector. Integrou o Printemps Littéraire Brésilien 2018, na França e na Bélgica, a convite da Universidade Sorbonne. Teve textos publicados nas revistas digitais *escamandro*, *A Bacana*, *mallarmargens*, *Vício velho*, *Lavoura*, *Subversa*, *Literatura & Fechadura* e *Alagunas* É autor dos livros *Samba no escuro* (Scortecci, 2013), *A repetição dos pães* (7Letras, 2017) e *Terra trêmula* (Caiaponte, 2020), além de colunista da revista digital *Ruído Manifesto*.

eu quero partir sem remorsos
como os nossos dentes de leite
ainda intactos se desprendem da carne
pois precisam dar espaço a outros
partir como quem não deixa rastros
navios na água lisa
sumir para o outro lado do agora
e nunca olhar para a cara
dos antigos conhecidos
pisar num país alheio
e na multidão virar pó
perder o nome os tiques
as impressões digitais
cometer um crime fatal
e não poder ser preso
pois indigente em todos os níveis
sair durante a noite
com as caravanas no deserto
para driblar a morte
compor esse corpo novo
ausente, infalível

eu tenho esse sonho
com chuva e neon
hotéis, cassinos
dentro de um carro
no banco traseiro...
fazendo curvas meio enjoado
sendo levado para o hospital
ou com sono chegando de uma longa viagem
as gotas de chuva embaçavam a luz
estrelas de van gogh
não sabia se estavam perto ou longe
o carro nunca chegava
continuava a ser guiado
sem que eu visse o rosto do motorista
há algo de fatalista nesse sonho
uma metáfora fácil sobre a imponderabilidade da vida
e o guiar impossível dos lances mais importantes dela:
talvez eu fosse naquele momento um recém-nascido
e o mundo fosse esse vidro embalado de luz sem foco
talvez fosse ali o meu último dia
o féretro na traseira do rabecão e a escuridão
dissolvendo a realidade
eu sempre acordo subitamente desse sonho
nostálgico da alegria de ter nascido
amedrontado diante do inevitável sentimento de estar morrendo

não sou triste sem motivo
tudo tem razão
e nada é vazio
e o vácuo se atualiza
em espaço a cada passo...
que dou a cada espiral
que o universo gira
em expansão talvez eterna
não sou feliz sem motivo
tudo tem sazão
e acordo também alegre
e isso em nada altera
nebulosas se engolfando
no mais alto patamar celeste
não vivo não morro sem motivo
tudo tem tesão
e age sempre em direção ao fim
de mim, não de tudo
o mundo existe e não entendo
pois não preciso e não posso
se sou triste e alegre
se vivo ou morro
qualquer homem explica
por associações vazias
e próximas que tem das mãos
é em vão a dedução de um Ser
que não se altera
mas não tocamos
somos apenas sonhos
de um ente mais perfeito
e quando treme a terra
e quando dói o peito
são apenas pesadelos
que afetam antes a imaginação
e nunca o imaginante
que permanece ainda que
não sonhe ainda que seja sempre dia
e a luz esteja sempre a ofuscar a vida
ainda que seja Deus insone

A DANÇA

Ilusão crer que ódio se baseia em intensidade. Não, a concentração e a precipitação são da ordem das reticências; seu sistema métrico tem por base anos, não horas; sua qualidade decanta em termos de continuação, a prazo, dolorosa, nunca de imediato. Aprendi isso nos braços do senhor de bigodes e de cabelo ralo que sempre me conduzia à praia. Era ali que ele se sentia seguro e onde gostava que as coisas acontecessem. Ele me puxava e eu o seguia fingindo serenidade no desespero do medo, golfando por dentro e pelas areias quentes até a água.

Sempre achei o mar do Leblon mais extasiante do que os outros. A praia coberta de banhistas que se lambuzavam em óleo, quentes, excitando o mundo do momento em que chegavam ao momento de irem embora. A caminhada até a água, com meu patético conhecido quase cliente de longa data, me dava medo. Ia de cabeça erguida, passos curtos, mãos grudadas, suando. Sabia que o cheiro de óleo serviria para disfarçar o que aconteceria no salgado, fazendo com que aqueles "inocentes do Leblon", cegos por opção, não me vissem perdendo minha vida ainda criança, sob a coação desenhada a ferro e fogo das ameaças infinitas.

No embalo do mar, ele me segurava. Tocar os pelos do seu peito e sentir a gordura da sua barriga me davam náusea. Não era nojo, isso infelizmente eu perdera há muito, mas um desespero pelo fato de que eu tive que aprender a ignorar o que vinha a seguir exatamente para sobreviver a tudo aquilo. Os pelos dele molhados tocando os meus; o bafo quente embolorado disfarçado na minha nuca; sua respiração ofegante; a pressão da sunga sobre mim; os dedos; ele, de costas para os inocentes do Leblon e de frente para o horizonte proibido, chamando-me de um nome improvisado no possessivo, inha "Maria".

Era nas ondas que ele me tinha mulher e eu sem nunca receber a salvação prometida por um Deus lá de cima. Uma emigrante morta de mim que saciava aquele senhor sujo pelo e no tempo, calejado pelos nãos que recebera. No sal, eu encontrava a radiação ofensiva do chacoalhar das nossas coxas, que me arranhava mais do que a água. Não suportava a imposição de que deveria ter que amá-lo: na realidade, ter que fingir amor. O que tive e tenho é enjoo dele – a primeira vez a gente nunca esquece. Cambaleante, eu sabia na minha precocidade o que estava para acontecer, mas me permitia sempre achar que não. Com o tempo e as outras vezes, com a permanente falta dos olhares salvadores das testemunhas de Deus ou do Diabo – envoltos em suas próprias lambuzadas –, entendi que o medo não ajudava, sendo melhor focar na odiosa indiferença, à qual coube o resto do fiapo de mim. Para o bem ou para o mal, confiava nela e sentia o resto de esperança naquele fiapo, enquanto o farfalhar do bigode babado na minha clavícula sardenta assobiava o primeiro barulho de repugnância que conheci.

Vários mergulhos forçados, seus toques em mim, minha pequena mão obrigada na sua sunga, a barba arrepiando-me de asco, o bailado das ondas ritmando o dançar dos quadris, a canalhice da indiferença, reduto do último suspiro. Ele me teve inúmeras vezes desde a primeira vez. Foi no Leblon que cresci, triste. Foi no mar que me tornei mais uma Maria, da Vida. Ele parecia nervoso quando acabava, esquecia-se de mim. Eu não. Nunca esqueci.

Naquele mar, percebo hoje que sempre fui a puta de um cliente. Nunca, jamais de fato, o neto do meu avô.

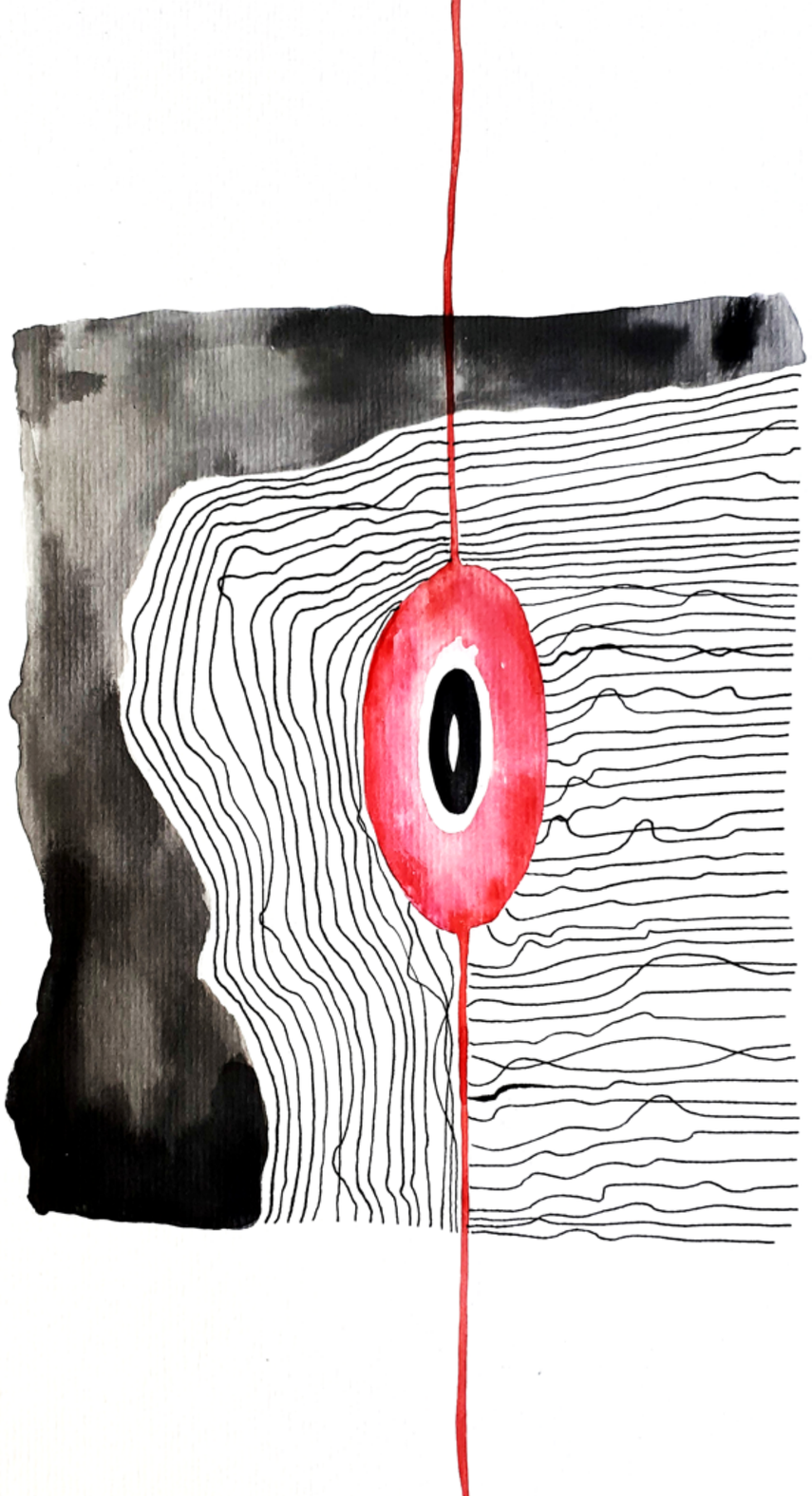
Clark Mangabeira
Carioca cuiabano, é doutor em Antropologia Social pelo Museu Nacional/UFRJ e professor adjunto de Antropologia da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT. Graduado em Direito, Letras e Ciências Sociais, é escritor de ficção, tendo publicado contos e poemas em diversas revistas literárias e acadêmicas, e escreve enredos das Escolas de Samba do Rio de Janeiro.

DA TRINCHEIRA

para Marília Beatriz

parada aqui nessa trincheira
imagino que do barro primordial
possam surgir novas palavras
que ainda fertilizem o mundo
amasso a terra irrigada com sangue
para formar bolotas de significado
quero rolá-las até você mas só vejo
o espaço vazio deixado por mais
uma peça no tabuleiro de xadrez
o que me resta é escorregar pelos
vãos abertos entre esses versos
verdadeiros poços de silêncio e som

Divanize Carbonieri
é doutora em letras e professora de literaturas de língua inglesa na UFMT. É autora dos livros de poemas *Entraves* (2017), *Grande depósito de bugigangas* (2018), *A ossatura do rinoceronte* (no prelo) e *Furagem* (no prelo), além da coletânea de contos *Passagem estreita* (2019).

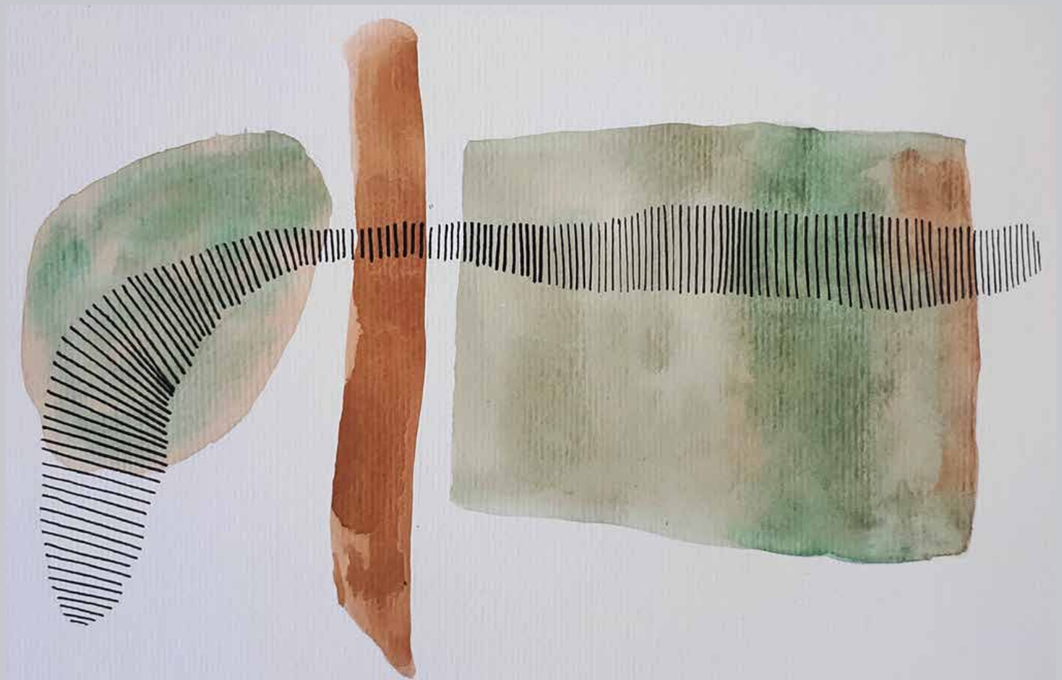


BUCETA

À Marília Beatriz

Buceta é a palavra
mais bonita que conheço
É como uma flor carnívora ou ave emplumada
Fruta sumarenta, sem casca e caroço
Uma caixa de madrepérola ou saco de couro cru, embornal
Em que se leva algo guardado de muito valioso
Buceta carrega tabaco, pepita de ouro e rapé
Um bocado de açafrão da Pérsia, borra de café arabe
E xibiu de turmalina paraíba
Buceta sussurra segredos
Porta do Hades, caverna que ecoa morte
Fundo falso, armadilha dentada, ratoeira
Forro de veludo, tricô de lã
Lençol de algodão egípcio
Buceta é segredo, premonição
Bola de cristal, véu de cigana
Ilha de pirata, mapa da mina manchado de rum
Buceta é floresta tropical
Picada na mata, onça pintada e malária
Mar de água rasa, lagoa natural
Buceta é ciência exata
Círculo, cone e pirâmide
Raiz quadrada do triângulo
Ângulo oblíquo, oscilante
Buceta é manifesto político
Resistência pelo desejo, greve geral e passeata violenta
Panfleto subversivo, carta magna da revolução
Buceta é linguagem e pronúncia
Buceta alfabética, semântica, sintética
Tradução do silêncio, grito inaudível, filme sem legenda
Buceta é rito, manual egípcio de iniciação
Batizado de ateu, extrema unção dos moribundos
Buceta terço, buceta novena, buceta coral de igreja
Buceta canônica, *ut et orbi*
Ninguém passará incólume
Ao pecado, ao milagre, à culpa e à expiação
Da buceta mitológica, geratriz cósmica
Buceta escreve-se com U, como se quer, como se goza
Como deveria ter sido
Desde que Eva pariu o seu Adão
Buceta, então, era o paraíso.

Eduardo Mahon
43, é carioca da gema, advogado e escritor. Mora em Cuiabá com a esposa Clarisse Mahon, onde passa sufoco com seus trigêmeos: José Geraldo, João Gabriel e Eduardo Jorge. Autor de livros de poemas, contos e romances, publica pela Editora Carlini e Caniato.



Fernando Tadeu de Miranda Borges
Membro da Academia Mato-grossense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo – USP, atualmente é professor Titular da Universidade Federal de Mato Grosso da qual foi pró-Reitor de Cultura, Extensão e Vivência.

NA REDE COM MARÍLIA BEATRIZ

LITERATURA, POESIA, TEATRO, CINEMA, DIREITO

Carioca da cuia era a advogada, poeta, escritora, membro da Academia Mato-Grossense de Letras, professora fundadora da Universidade Federal de Mato Grosso, Marília Beatriz de Figueiredo Leite (Marília Beatriz), que durante sua espetacular trajetória de vida movimentou a cena cultural cuiabana com poemas, peças teatrais, publicação de livros, leituras de textos, seminários, palestras, mostras de filmes, cursos de direito e participação em atividades de incentivo à leitura.

No cardápio da multifacetada personagem a cultura popular com todas as belezas do artesanato regional em cerâmica e as danças de cururu e siriri, que Marília Beatriz, na efervescência dos trabalhos culturais na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), nos seus anos iniciais, trouxe para perto, no intuito de fortalecer ainda mais essas atividades. Em entrevista, a Doutora *Honoris Causa* da UFMT, Senhora Domingas Leonor da Silva[1], relatou que a primeira apresentação de dança que fez em sua vida ocorreu em uma feira organizada por Marília Beatriz, quando o Grupo Flor Ribeirinha ainda nem havia sido criado e os participantes não possuíam "uniforme".

Com relação às incursões pelo teatro seu esforço foi abissal para continuar animando a cidade através de peças produzidas e dirigidas localmente, descobrir talentos e criar profissionais interessados. O teatro alenta o mundo há séculos, ampliando conhecimentos e enriquecendo a percepção de todos. A sensibilidade de um dado tempo condensada num reduzido espaço de horas envolve a plateia ao ponto levar a um estado êxtase incontido. E, Marília Beatriz por ser uma divindade dionisíaca do teatro, de forte expressão e eloquência verbal, além de sedutora e envolvente, conseguiu formar um corpo teatral na região, antes mesmo da implantação da Escola de Teatro da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), em 2016, pelo Governo do Estado.

O envolvimento em várias frentes foi sempre de uma Estrela Dalva. Pertencente aos vários tempos e estações, envolveu-se em tudo de forma viva, e diante das partículas em permanentes vibrações visíveis, infinitas e invisíveis, compôs canções ao som da música do universo. Nem sol, nem lua, Marília Beatriz foi os dois ao mesmo tempo, a depender da tensão gerada no momento da criação.

Um ser viajante, que por onde passou colheu frutos, semeou idéias, doou mais que recebeu, e inventou sem medo ou pavor da crítica, posicionando-se com emoção, talento, prazer e conhecimento, instrumentos estes, imprecisos-precisos-imprecisos, para as experimentações desconhecidas e inusitadas da sua galáxia. Algumas vezes, incompreendida, outras vezes, compreendida, fez tudo ao seu modo, respeitando, contudo, as fronteiras, presentes nos campos energéticos tempestivos de ondas espumantes em movimentos sazonais tensos ou abatidos.

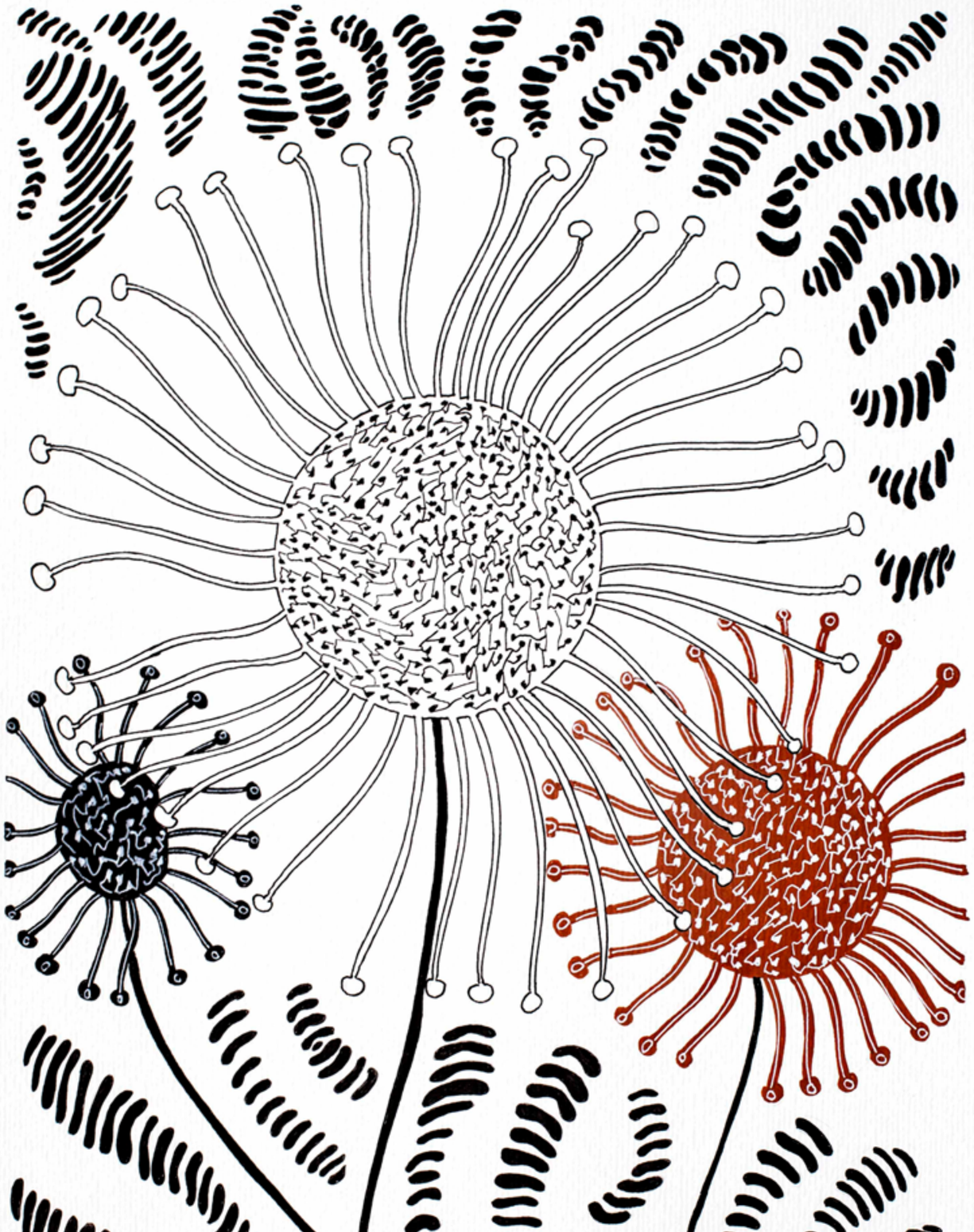
O cinema trouxe-lhe a aproximação com a mágica do mundo imagético, consubstanciada com o despertar de um tempo próprio dentro dos vários outros tempos, e transfigurada na dor silenciosa, visível e invisível muito mais dos outros do que dela mesma, por encontrar-se desvinculada da materialização enquanto criação simbólica da utilidade subjetiva. Sua descrença nessa construção não lhe trouxe a materialidade das coisas, mas pelo trabalho literário produzido, conseguiu a imortalidade.

Assim como o escritor Cassiano Nunes[2], entusiasta da literatura, escreveu para mim, em 1995, que "A Marcha para o Oeste não deve limitar-se ao advento benéfico do trator mas, principalmente a criar a expansão redentora do livro", Marília Beatriz de Figueiredo Leite expandiu em vida os conhecimentos adquiridos, compartilhou experiências, produziu e divulgou livros, e formou cérebros, comprovando ter nas veias o sangue de seu saudoso pai, Dr. Gervásio Leite, grande jurista, escritor, cronista, professor fundador da Universidade Federal de Mato Grosso, presidente do Tribunal de Justiça de Mato Grosso, membro e presidente da Academia Mato-Grossense de Letras.

---

1 Entrevista concedida pela Senhora Domingas Leonor da Silva, Fundadora do Grupo Flor Ribeirinha, a Fernando Tadeu de Miranda Borges, no dia 13 de agosto de 2019, que na ocasião resumiu seus quase 50 anos de atividades e 27 de Grupo Flor Ribeirinha, a serem completados neste ano de 2020, "na hora que lê o histórico do Flor em todas as apresentações, em todos os países, em todas as cidades, sempre é falado Cuiabá, Mato Grosso, Brasil. Então não falamos só de nós, é nosso Cuiabá, Flor Ribeirinha representando. Não é fácil divulgar a cultura." Vale registrar, que o Grupo Flor Ribeirinha, em 2017, consagrou-se campeão mundial no 18º Festival Internacional de Cultura e Artes Populares, realizado em Istambul, na Turquia.

2 Cassiano Nunes, renomado intelectual brasileiro, lecionou literatura na Universidade de Brasília (UnB), lutou durante toda vida pelo acesso das pessoas aos livros, e por ocasião da fundação da sede da Editora Universitária da Universidade Federal de Mato Grosso (EdUFMT), em 1995, esteve presente, saudando a iniciativa. Essa frase foi enviada por ele para mim através de correspondência junto com outras duas para que escolhêssemos uma delas para a placa da EdUFMT. E, a frase escolhida foi "Tudo passa neste mundo, menos os livros, que registrando todos os fatos e idéias, afirmam a eternidade do espírito."



DESACORDADA EM SONHOS

O tempo desfila
Estrofes incompletas
Almas mutiladas,
Que no entardecer da escuridão
Vagueiam sem destino.

As prostitutas,
Essas estão à mesa com o Mestre
Enquanto o Opressor
Se posta atrás do púlpito.

Os marginalizados,
Fartos do vazio,
desfigurados pelo silêncio
Comem as migalhas
Jogadas pelos homens ricos.

Feito espectros
Embaixo do sol,
Os pobres aguardam
O dote miserável dos seus senhores.

E eu aqui,
Na tentativa de segurar o vento,
Espero ansiosa
O amanhecer
Dos Girassóis de Van Gogh.

Inae Manuele Nascimento de Oliveira
É graduanda em Letras- Português/Inglês, do 3º semestre pela Universidade do Estado de Mato Grosso. Atuo como bolsista de Iniciação Científica no projeto "Signos e Significados na poética engajada e Religiosa de D. Pedro Casaldáliga", oficializado a partir da aprovação via edital PROBIC 003/2019, pela Unemat, com o subprojeto "Investigação do eu poético na obra de D. Pedro Casaldáliga", sob orientação do prof. Dr. Isaac Newton Almeida Ramos.

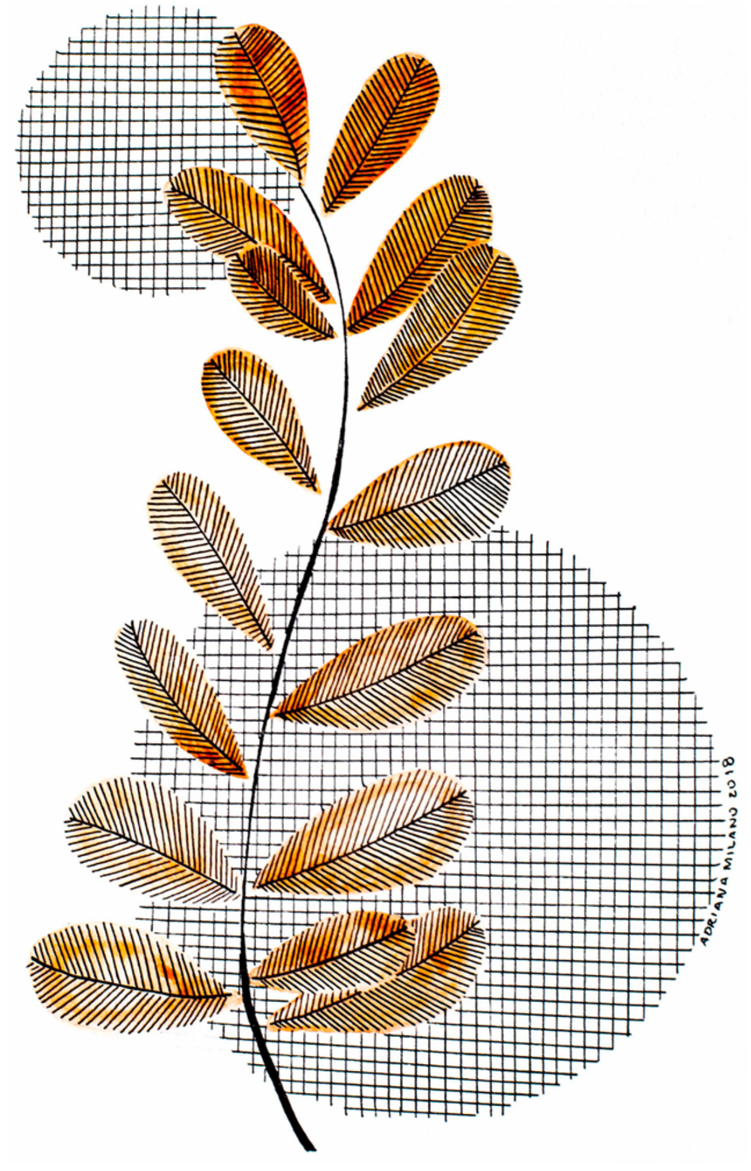
LÍNGUAS E LAVAS

nos céus
das bocas,
palavras soltas.
meias vozes.
odes! brados!
entre brasas
e águas vivas,
espadas de Eros
radioativas
em batalhas
amuralhadas
por pétalas
carnívoras,
vigias armadas
até os dentes
dos beijos
sem paz.

CAMA LOUCA

a cama surta
garra voo
arranca o cais
carrega o cais
aventa ecos d'ais
aventa verbos bêbedos
e, sobras da guerra,
eleva os sais da terra

Janet Zimmermann
É natural de Catuípe (RS) e mora em Campo Grande (MS). Tem, publicados, dois livros de poemas: "Asas de JIZ", Editora Life (2013) e "Pétalas Secretas", Editora Patuá (2016), com o qual venceu, em 2017, o Prêmio Guavira de Literatura. Dentre as várias antologias que participou, destaca: "As Mulheres Poetas na Literatura Brasileira"- Volume II, coletânea em e-book, criada, organizada e divulgada pelo poeta Rubens Jardim.



João Bosquo
poeta, jornalista e licenciado em Letras/UFMT - publicou o livro Abaixo-Assinado (1977), em parceria com L. E. Fachin; Sinais Antigos (1981), Outros Poemas (1984), Sonho de Menino é Piraputanga no Anzol (2006), Imitações de Soneto (2015) e Seleta Cuiabana (2019); participou das antologias Abertura (1976), Panorama da Atual Poesia Cuiabana (1986), A Nova Poesia de Mato Grosso (1986) e Primeira Antologia dos Poetas Livres nas Praças Cuiabanas (2005); com Abdiel 'Bidi' Pinheiro Duarte editou o alternativo NAMARRA (1984/86) e coordenou o projeto POETAS VIVOS (1987/88), da Casa da Cultura de Cuiabá.

POEMA SEM IDIOMA

Ao escrever um poema sem idioma
quando escrever, serei sagrado poeta
mesmo que desafogue outros sentimentos
enquanto os velhos poemas em línguas
(diversas línguas) naufragam
nas doces águas do mar Pantanal

Quando escrever poemas sem idioma
entendido por nenhum ser inimaginável
podemos esquecer as conversas paralelas
– de universos sequenciais doutros cosmos,
de outros arredores estelares fora de órbita –
dos paramentos e parâmetros pantaneiros.

TUDO O QUE TENHO

Tenho tudo que tenho
Procuro e não me encontro
E não tenho pra onde ir

Tudo que tenho é meu destino
Nado como peixe só
Mas não sei pra onde ir

Só tenho o que tenho
Nada além do nada
É tudo que me sobra.

INFINITO REDEMOINHO

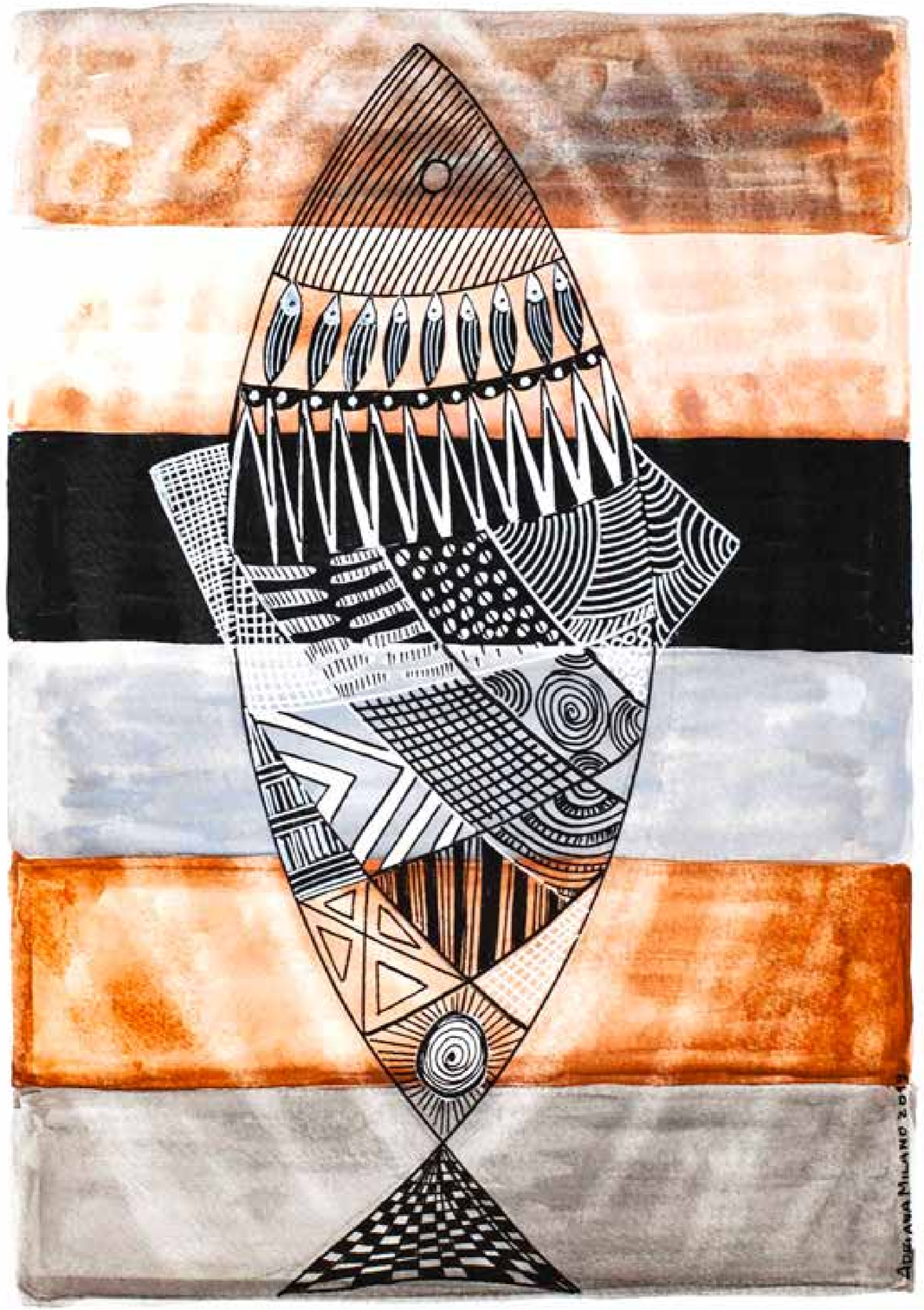
O que fazer quando não se pode curar o incurável
Reviver os mortos da cinza
Do pó
O que fazer quando não se pode colar o que está quebrado
Que agora são cacos
Pedaços e restos de um objeto de desejo
O que fazer?
Seguir os passos do coração e deixá-lo guiar...
Buscar incessantemente a cura
A cola
Ou esperar o tempo passar...
O que fazer?
Quando não há respostas
Só incertezas
Medo
O que fazer diante da dor
Diante da frustação do tempo que se perdeu
Como num laço temporal de inquietudes
Infinito redemoinho
Que busca por uma reposta que nunca vem.

Joyce Nascimento Silva
É formada em Letras (Português-Literaturas), é estudante de Especialização em Literatura Brasileira na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e Literatura Infantil e Juvenil na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Têm poesias publicadas em antologia, jornal e é uma das escritoras do site Corvo Literário.

Adriana Milano
Artista Convidada

BIOGRAFIA

A artista participou de várias exposições com seus relicários e criou algumas instalações com temas humanistas, foi selecionada para o Salão Jovem Arte de Mt em 2016.
Em uma segunda fase, em 2017 começa a desenhar em papel, usando técnicas de aquarele e acrílica, um trabalho ainda em estudos e descobertas. Passeia pelo design de acessórios, inaugurou em 2019 sua marca Semente Artesanal, onde cria colares autorais com fibras naturais, essa marca incentiva o consumo consciente e questiona o papel da mulher na sociedade. Administra também um coletivo virtual de arte, onde comercializa obras de sua autoria e de outros artistas mato grossenses, acredita na economia colaborativa.
É realizadora e curadora da Feira Gaia.



PERMANÊNCIA

À Marília Beatriz

Entre os cantos
repletos de sol,
o reflexo
dos seus mosaicos
escritos
tracejam encostas.

Diante do
deslocamento
das letras,
das páginas,
grifo o desejo
permanente
da memória.

E como uma
árvore rebelde,
sonho com brisas
e no estar juntas
do amanhã.

Lívia Bertges
(1987, Juiz de Fora – MG) apaixonou-se pela literatura quando integrou o grupo Contadores de Histórias do Colégio Metodista Granbery. É doutora em Estudos Literários (PPGEL/UFMT) e realizou estágio doutoral na Sorbonne Université (Paris, França), onde participou da organização de eventos com enfoque na produção Literária Brasileira Contemporânea. É mestra em Estudos Literários (UFMT) e também em Langues et Cultures Etrangères (Université Stendhal). Publicou artigos e poemas em revistas, antologias e sites. É parte do corpo editorial da Revista Digital Ruído Manifesto e integrante do Coletivo Maria Taquara - Mulherio das Letras (MT).

PARA MARÍLIA

escrever pra alguém que partiu
como a cutucar uma ferida.
mas, é preciso e disso,
que deus não me livre.

sem essa de dizer
que não vejo a hora
de reencontrar marília:
morrer, ninguém quer, mas morre.

quando a gente faz poesia
há um tema assombrando
a nossa cabeça.
de vez em sempre e quando.

assombrações que me chegam
como sonhos e sorrisos
são bem vindas e me trazem
o frescor dos improvisos.

marília está fazendo festa no céu
e fazendo falta aqui na terra.
ela é **beatriz** e é **figueiredo**;
e eu choro pelo **leite** derramado!

Lorenzo Falcão

"Nasci inexplicavelmente para ser poeta", reconhece Lorenzo Falcão na breve biografia que acompanha "mundo cerrado" (assim mesmo sem maiúsculas por opção do autor). "O cerrado é meu lar e a poesia, o meu mundão sem porteira", conclui o jornalista, que nasceu em Niterói (RJ), mas cresceu em Mato Grosso, "entre barrancos, pedras e sombras", e trabalha há muitos anos como jornalista na área de cultura.

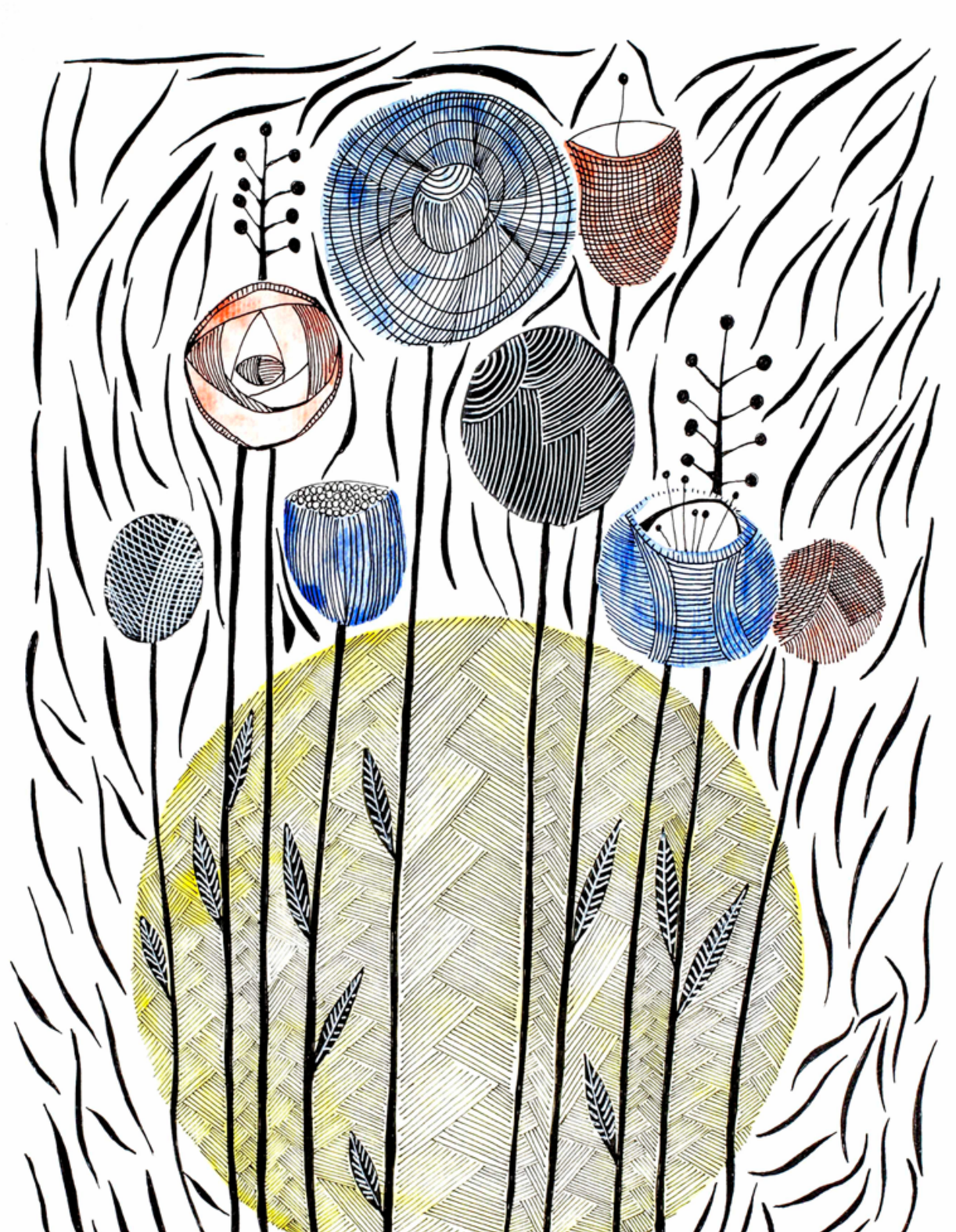
ela vem
enquanto se observa
ela mesma ensimesmada
em seu ali

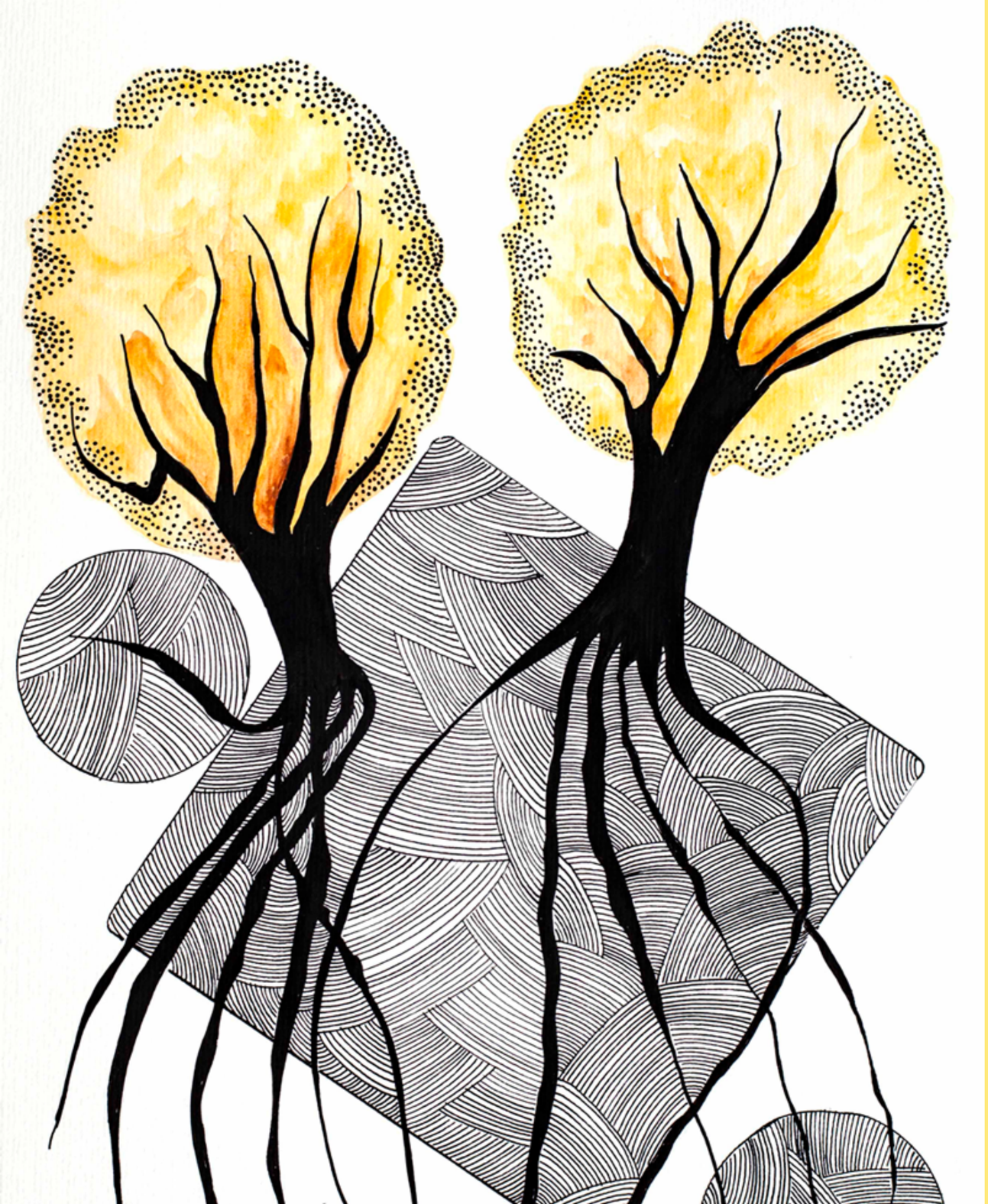
chegada
é a hora
e seus pedaços
suas vozes estão
mais uma vez

perdidos
em
discos
em meio
a chaves trancafiadas na memória
de toques suaves
sons gentis

muitos se vão
mas a poesia
essa, que embora sempre esteja a caminho
mas não tenha pra onde ir
essa ela não leva
a morte

Lucas Lemos
Lucas Lemos é nascido em Juína-MT, formado em Letras e Literaturas pela UFMT-Cuiabá, onde é ator e diretor pelo Cena Livre de Teatro. Trabalha como professor, fotógrafo e social mídia na capital mato-grossense. Lançou de forma independente, em 2019, seu primeiro livro de poesias, "Nossa Alegria Triste".





PINTINHO AMARELINHO A CONSPIRAÇÃO

"Pintinho Amarelinho" é a faixa de abertura do álbum "Gugu", lançado em 1994 pelo apresentador de mesma alcunha, batizado como Antônio Augusto Moraes Liberato - falecido em 2019.

Ao longo dos seus 1m57s de duração, a canção infantil composta por Hilton Junior exalta a pequenez e fofura do galináceo protagonista do hit. Sem nome específico, o pintinho amarelinho serviu de inspiração a artistas consagrados do entretenimento infantil surgidos depois, como a Galinha Pintadinha – cujo carisma artificial talvez nunca chegue aos pés do pequeno e pioneiro pinto.

Mesmo com poucos dias de vida, o pintinho demonstra um forte instinto de sobrevivência, evidenciado pelo temor em relação ao predador, o gavião, e também ao buscar se alimentar de "bichinhos" não especificados na faixa musical.

Acredita-se que os tais bichinhos sejam pequenos insetos e que o pinto seja caipira, uma vez que as aves de granja são alimentadas com ração. Ou, talvez, por se tratar de um pinto alçado de forma prematura ao estrelato, tenha se contaminado com as excentricidades dos grandes nomes do show business e passado a adotar hábitos peculiares. Uma espécie de Tom Cruise da granja.

O ritmo alegre e "chiclete" da música leva o ouvinte a adquirir empatia pelo pinto, que deixa de ser um mero animal a ser preparado para o abate e passa a figurar como um mascote adorado pelas crianças e pais, influenciados não apenas pelo poder de convencimento de Gugu, mas também de suas dançarinas, que atuam como entusiastas sorridentes e demasiadamente sensuais da ave.

O que poucos sabem é que o Brasil, até o lançamento desta canção, detinha 14,6% do mercado mundial de frango. Nos anos seguintes, quando a canção "Pintinho Amarelinho" virou hit nacional, a participação declinou para 6,9%, segundo dados do Banco Nacional de Desenvolvimento Social (BNDES), fator que ampliou a participação dos EUA na liderança mundial deste segmento.

A retomada do crescimento do Brasil na exportação de frango só veio a ocorrer em 1998, coincidentemente quando a música caiu no previsível ostracismo dentro da indústria fonográfica, sendo substituída nos lares das melhores e piores famílias brasileiras pelos sucessos "Eu Tô Feliz" e "Adoleta", da Xuxa.

Teria Bill Clinton construído toda essa artimanha psicológica para que os empreendedores do Brasil, cegos subliminarmente pelo amor ao pequeno e fofo pinto amarelo, ficassem incapazes de investir em um mercado que resultasse em criação e abate de frangos?

**O texto é ficcional*
***Documento do BNDES: https://goo.gl/cB9v5d*

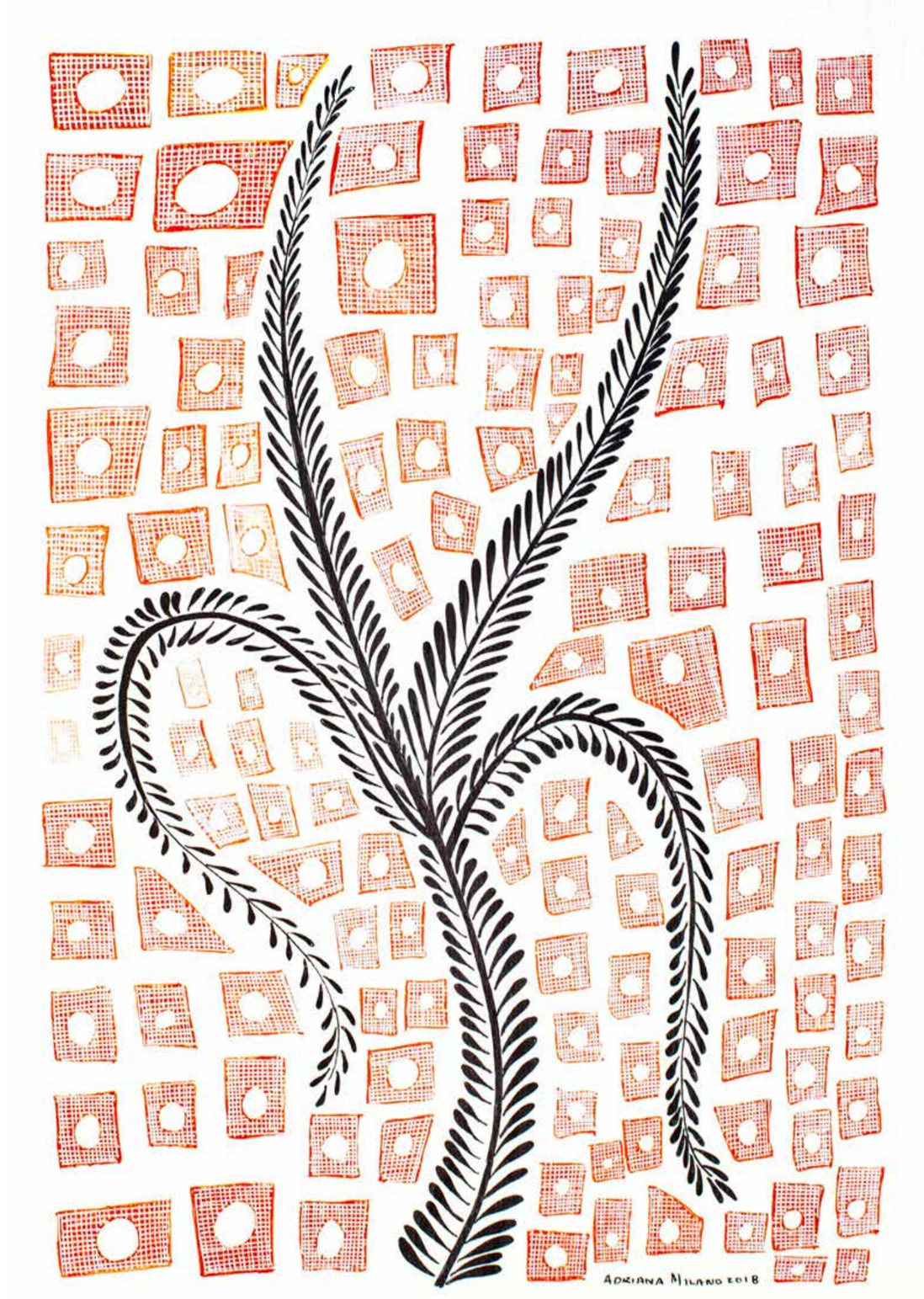
Lucas Rodrigues
É formado em Jornalismo pela UFMT e pós-graduando em Jornalismo Empresarial e Assessoria de Imprensa. É escravo de algum impulso desconhecido que manda ele escrever sem hora marcada ou qualquer tipo de intervalo de tempo pré-definido. Autor do livro "Pirotecnia" (2017). Já atuou como repórter/editor de Judiciário, coordenador de Jornalismo do Governo de Mato Grosso e atualmente é assessor de imprensa do governador Mauro Mendes

O SOL E A CASA

À MARÍLIA BEATRIZ que treze dias antes de partir, publicou
na rede social, junto a uma foto do jardim, esta centelha:
"A escritura solar em casa. Será poesia e magia!!!"

Ao abrir o coração da memória, talvez seja possível
recuperar um pouco de suas pulsações
Não se prendia nas armadilhas da rotina ou das coisas gastas
Nutria-se do sol e crescia febril ao canto dos pássaros
quando de golpe rompia a manhã no quintal
ali, onde o cão pousava as patas – Dandara!
À sombra das folhas, descansava em casulos de silêncio
decifrando no piso as projeções do sol entre os ramos
Saboreava o rumor brotando das nuvens
(a mais escura a ponto de despencar sobre o bairro)
O tempo escorregando-lhe das mãos/asas
As mãos desenhando na poesia as densas paisagens
as íntimas reservas e o que chamou "frutos do espírito"
Com urgência e uma cota de finitude e solidão
afagava a cada passo um arsenal de inquietações
Qualquer invento (na abundância do desejo)
era dor emergente ao júbilo no secreto voo da palavra
Aos corações órfãos, as dádivas de sua linguagem,
cada poema onde ela está:
como na terra estão as raízes
como no espaço estão os astros
como no corpo está a alma.

Lucinda Nogueira Persona
É escritora, poeta, professora e membro da Academia Mato-grossense de Letras. Nasceu em Arapongas, PR, e vive em Cuiabá, MT. Estreou na poesia em 1995 com o livro Por imenso gosto. Publicou, entre outros: **Ser cotidiano** (1998), **Sopa escaldante** (2001), **Leito de Acaso** (2004), **Tempo comum** (2009), **Entre uma noite e outra** (2014) e **O passo do instante** (2019).



Luiz Renato de Souza Pinto

Em 1998 lancei meu primeiro romance, "Matrinchã do Teles Pires", agora em segunda edição. Nele trato da colonização do norte de Mato Grosso por colonos do sul do país, ao longo da ditadura militar. Em 2014 publiquei um segundo volume sob o mesmo tema, intitulado "Flor do Ingá", desdobrando a aventura e apresentando o cotidiano de um casal que se conhece em Londrina, Paraná e vem para cá também. "Xibio", de 2018 completa a trilogia amazônica, destacando a vinda de nordestinos para garimpos de diamante em Mato Grosso e Goiás. Publiquei "Duplo Sentido" (crônicas), em 2016, em parceria com o poeta pernambucano Carlos Barros e no ano seguinte fui contemplado com o Prêmio Mato Grosso de Literatura na categoria poesia, com o livro "Gênero, Número, Graal".

MAS, E A MORTE?

Lembro-me de Marília Beatriz como Coordenadora de Cultura da UFMT quando, em 1982, cursando Engenharia Florestal, me aproximava do underground cuiabano. Comecei a me inteirar da cultura que se avizinhava à universidade. O Teatro Universitário veio a ser um templo de produção e reprodução de eventos em nossa cidade.

Em 1984, antes mesmo de ler George Orwell, conheci o Caximir e me integrei ao grupo após a noite mágica que incendiou o Bar Candeias, ali na Rua 1, em frente ao bosque. Não havia grades no entorno. Marília, Chico Amorim, Sérgio Dalate e um sem número de figurinhas ausentes desse álbum se encontram na memória daqueles bons tempos.

Antes de a Janina comprar o acervo da Livraria Litudo, que ficava atrás das Lojas Marisa, da 13 de Junho, adquiri um exemplar que considero raro de um livro de Marília: O mágico e o olho que vê. Ainda tive tempo de pedir a ela que me autografasse essa raridade do ano de 1983, ano em que abandonei as aulas de Cálculo I, muito desinteressantes para meu olhar que só queria saber de poesia. Fiz um poema que foi meu ganha-pão em viagens pelo Brasil, e que faz parte de meu Cardápio Poético, de 1993.

AULAS DE CÁLCULO

Assistindo a aulas de cálculo, me perco em meus limites, ao ver os limites de uma função. Ora essa, não sei sequer a minha função, quanto mais os meus limites. Limito-me a dizer que não sei.

Derivando os meus sentimentos, eu vejo que a soma das derivadas não me leva a nada. Mesmo assim, lá vem o professor com a sua nomenclatura:

- Pôrra! De que me adianta saber da vizinhança de um ponto se sequer tenho um ponto em comum com meus vizinhos?

O gráfico da minha vida realmente não é uma reta, mas passa pela origem. Talvez seja uma parábola, meio torta, mas com valores possíveis para o X da questão, como também para o tão falado Y.

Diga-me, meu amigo: - De que me adianta saber o que é seno, cosseno, e que a razão do primeiro pelo segundo è igual à tangente se o meu destino está tangenciado por um ângulo de noventa graus, o chamado reto?

- Diga-me, meu amigo: - De que me adianta saber o que é uma secante, se minha boca vive seca, louca por um copo de cerveja?

Acontece que a poesia despe a ortografia, rasgas o verbo, rompe a fala, torce o rabo e dobra a língua. (1993, p. 24-25).

Depois disso tentei a História, quando fui aluno de Maurília Valderez, musa de nossa filosofia. Durou menos que um semestre, abandonei para seguir com o Caximir pelos palcos alternativos de Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais e Paraná. Só fui concluir o curso de Letras em 2001, quando me reencontrei com os estudos e com a docência, que passou a ser o ganha-pão.

O prefácio é do centenário João Antonio Neto que, em um dezesseis qualquer do ano de 1982 vaticinava: "Marília julga-as confessionais – mas, toda poesia é confessional - porque o poeta é, ele mesmo, matéria da sua poesia – sangue e plasma – através do qual o espírito da Arte escoa, decantado pela emoção criadora". (NETO, 1983, p.7). Estrategicamente colocado na antessala de seus poemas, Rômulo Neto também deixa seu recado no livro: "sei que tu estarás sempre ao lado de cada um de nós" (1983, p. 15). Pois agora, juntos, olham para nós que aguardamos pela barca de Caronte.

MORTE

A cruz é a sentença,
o verbo é presença
onde a morte?
O surto é periférico
o voo é atmosférico
onde a morte?
Se a cruz é o surto
o verbo e o voo
continuam.
O sorriso é o estádio
e a lembrança da promessa
é a pressa.
(BEATRIZ, 1983, p.119).

A semiologia, de longa data ocupava os interesses da poeta. É de se reparar os três primeiros versos como condutores dos demais. "A cruz é a sentença" – a ambiguidade da sentença joga uma máxima instância de poder (jurídica) e ao mesmo tempo a projeta no plano da enunciação (gramática), pois que nesta, pressupõe a existência de verbo, que garante um estado ou ação: "o verbo é presença". Mas e a morte, onde se encontra?

Nos três versos seguintes o paralelismo sintático prossegue e os dois primeiros versos são introduzidos pelo artigo definido masculino singular (o) em assertivas que ultrapassam o espaço (periférico) em direção à outra órbita (atmosférico). E a morte? A essa altura o poema está pela metade. Os próximos seis versos têm sobre seus ombros a responsabilidade de concluir a mensagem.

O verso iniciado pelo elemento condicional (Se) retoma a cruz (do primeiro verso) e o surto (verso quatro); verbo e voo ligam outros dois versos (dois e cinco), estabelecendo vínculos de movimento (questões espaço-temporais). É importante que se observe o verso de número oito: "o verbo e o voo" – As figuras sonoras da aliteração (/v/) e de assonância (/o/) garantem o indicativo de velocidade (vrummmmm) e de circularidade (vida/morte) ao enunciado que enfeixa.

O desfecho é inusitado e de outra ordem de significação. "O sorriso é o estádio / e a lembrança da promessa / é a pressa /" reforçam o poder da metáfora através do emprego discreto do verbo de ligação (ser), mas cria uma ideia de polissíndeto ao trazer a conjunção aditiva e, no penúltimo verso, como elemento argumentativo que reforça os pressupostos da experiência como estratégia de argumentação crítica. "Acredita-se, correntemente, sem prova ou razão, que a existência de qualquer coisa deva ter uma causa, mas a causalidade é, de fato, uma ideia problemática" (JÚNIOR, s/d, p. 21).

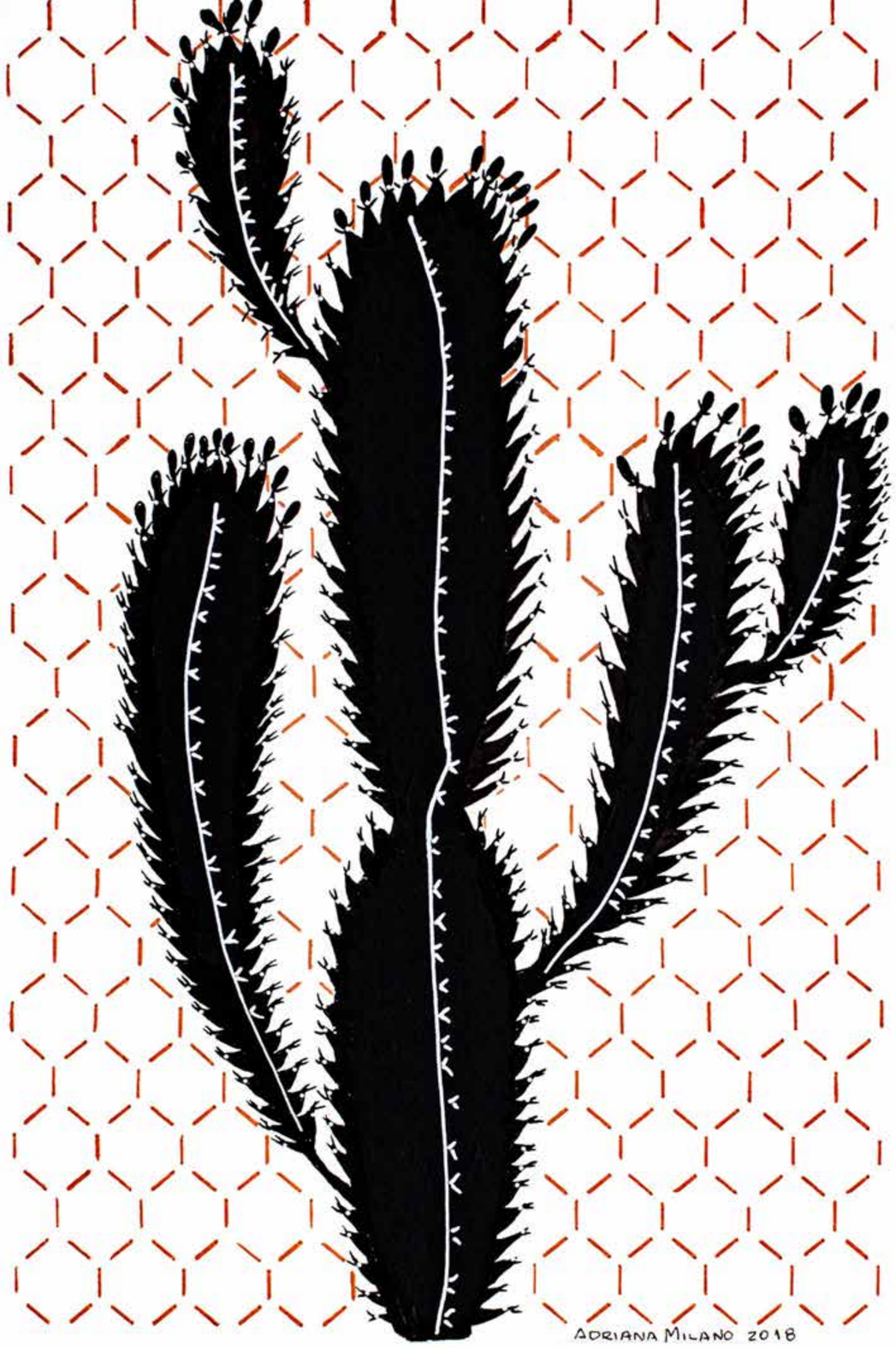
Com a ideia de que o sorriso é o estádio, se pode pensar em entretenimento, amontoado de gente, aglomeração; acrescido da existência de uma promessa, o poema parece sugerir uma expectativa junto à mensagem, sobre a qual se deposita certa pressa. Onde a morte, utilizada por duas vezes? E segue "continuam"; depois, "a pressa".

Para que se possa unir essas leituras de maneira convincente, talvez o caminho necessário seja outro; pois vamos a ele. Ao invés de procurarmos na forma do poema as significações, vamos descontruir o proposto pelo eu-lírico e colocá-lo sob a égide da estrutura gramatical. Temos quatro períodos que, dispostos em sequência seriam assim: "A cruz é a sentença, o verbo é presença onde a morte? / O surto é periférico o voo é atmosférico onde a morte? / Se a cruz é o surto o verbo e o voo continuam. / O sorriso é o estádio e a lembrança da promessa é a pressa./".

A cruz, O surto, Se a cruz é o surto, O sorriso; as iniciais maiúsculas dão essa pista. A cruz é o primeiro elemento forte, depois, surto, a seguir, um sendo o outro (metaforicamente) e, por último, um sorriso, associado à determinada pressa. Mas, e a morte? Marília nos deixou, sim; deixou um legado e a lembrança povoada de poesia, você não vê?

REFERÊNCIAS

BEATRIZ, Marília. **O mágico e o Olho que vê**. Cuiabá: Imprensa Universitária, 1983.
JÚNIOR, Eduardo Neiva. **Táticas do signo**. Semiótica & Ideologia. Rio de Janeiro: Achiamé / Socii, S/d.



Marília Beatriz de Figueiredo Leite
Professora fundadora da UFMT, adjunta nível IV; mestre em Comunicação e Semiótica, pela PUC-SP. Ocupou a cadeira nº 2 da Academia Mato-grossense de Letras. Publicou O mágico e o olho que vê (Edufmt, 1982) e De(Sign) Ação: arquigrafia do prazer (Annablume, 1993) e Viver de Véspera (Carlini e Caniato, 2018).

Verdade estrangeira
A morte não é nada
Muitas vezes é sorte grande
Porque o mundo está repleto
de
Gente que morre porque ama
Ou de povo que mata por amor!

Não desejo viver de antes ou de véspera
Pois assim é a vida do morto

E na pontualidade de minha finitude
Os falecidos e eu agarramos pactos mudos
Com a implícita promessa de eu estar morta por
completo,
Não desses que amedrontados da visão depois do
estreito,
Atrasam passos e, falecidos, não concebem
Que a perda os abrace em completude.

Existe uma complexa tensão
Entre o fim da vida e o desistir de viver
Assim floresce em meu ser
O desvanecer da noite longa e acolhedora
Que os viciados de ruído nomeiam morte.
Ah, os horizontes que me aguardam,
A maioridade dos frutos preparados
Para acalmar minha sede

Tempo chegou com um gosto de enfermaria
Veio com um sabor de ajuste
Veio com um gosto de estática
Trouxe um sabor pelas bruxas
Chegou com um toque de ogro
Lançou um sabor por crimes
E o gosto por todas as matérias
Passando do tempo sem tempo
Para abraçar outro tempo, tempo “nossa revolução”
Tempo tortura, zonas, empilhação à saciedade
Tempo de usar sua amoralidade
Tempo do tempo cansaço observado
Tempo resolvido para uma destruição.

Não teve soluço
Nem participou da doença
Simplesmente “se mandou”
Pois detestava o começo da descrença...

A IDENTIDADE MARGINAL

Nós – artistas, poetas, pensadores - somos os nômades das dimensões estranhas. Atravessamos as barreiras do tempo e da bonança, é visitamos incríveis regiões distantes!

Nós – os viandantes dos sonhos e da memória - rompemos fronteiras e os muros dos medos e das rotinas, viajamos por oceanos e caminhos, cavalgando em corcéis ou barcos de visões e profecias!

Nós – artistas, os sempre ansiosos loucos e felizes - somos os marginais das civilizações sombrias - rompendo as regras e prisões malditas.

Nós – artistas, poetas, pensadores - os ciganos dos séculos e dos símbolos - criadores das formas e matizes - os cantores das paixões e cicatrizes.

Nós – artistas, poetas, pensadores - os xamãs das lendas e magias - tocamos nós territórios sagrados da existência e mergulhamos na essência das raízes.

Nós – artistas, poetas, pensadores - construímos nos palcos das épocas, a linguagem escancarada dos tormentos e a canção rebelde dos sensíveis.

Nós – artistas, poetas, pensadores - criadores das auroras e desafios, tecemos após as noites de agonia, a hora solar da nossa enorme vontade de ser livre!

Nós – artistas, poetas, pensadores - artistas, poetas, pensadores - traçamos com nossas mãos e teimosias, as palavras em chamas da verdade e os gestos de criação e ousadia.

Marilza Ribeiro
Nasceu em Cuiabá, em 27 de março de 1934. Graduou-se em Psicologia, pela Faculdade de Ciências e Letras São Marcos, em São Paulo - SP. Foi presidente da Associação de Mulheres de Mato Grosso. É escritora e desenhista. Foi homenageada na Literamérica (2006), em Cuiabá-MT. Diversas vezes premiada, publicou seis livros de poesia e possui mais cinco inéditos.

PRESENÇA

para Marília Beatriz

O itinerário das horas permanece estável
o tempo é agora uma noite interminável
Os dias seguem lentos e eles - os mortos
pairam sobre as sombras dos medos que temos
ardem sobre nós as cinzas de todos corpos
ardem em nós todos eles que se vão
Mas tu, não
tu és palavra imortal cravada no poema
tu és o livro inscrito em nós que sempre lemos

Marli Walker
É Doutora em Literatura (UnB). Leciona no IFMT e integra o Coletivo Maria Taquara - Mulherio das Letras/MT. Publicou os livros de poesia: Pó de serra (2006), Águas de encantação (2009) e Apesar do amor (2016), contemplado pelo edital do MEC para o PNLD (2018).

DE ONDE VOCÊ ESTÁ FALANDO?

Toda vez que Lúcia me telefona, eu tremo na base. Sempre é fofoca, reclamação, notícia ruim. Não deu outra. Foi por ela que eu soube em primeira mão. Ligou do meio da rua.

Dudu nos surpreendeu, amigos e familiares, de uma forma indescritível. Digo Dudu, porque sou uma das amigas. Mas para o público em geral ele é o famoso escritor Luiz Eduardo Pires. Traduzido para cinco idiomas, vencedor de um jabuti, figurou por dois anos na lista dos mais vendidos com a novela policial "Puto da vida". Ultimamente estava em baixa. Mas de uma hora para outra virou manchete, capa, sucesso. Lido como nunca.

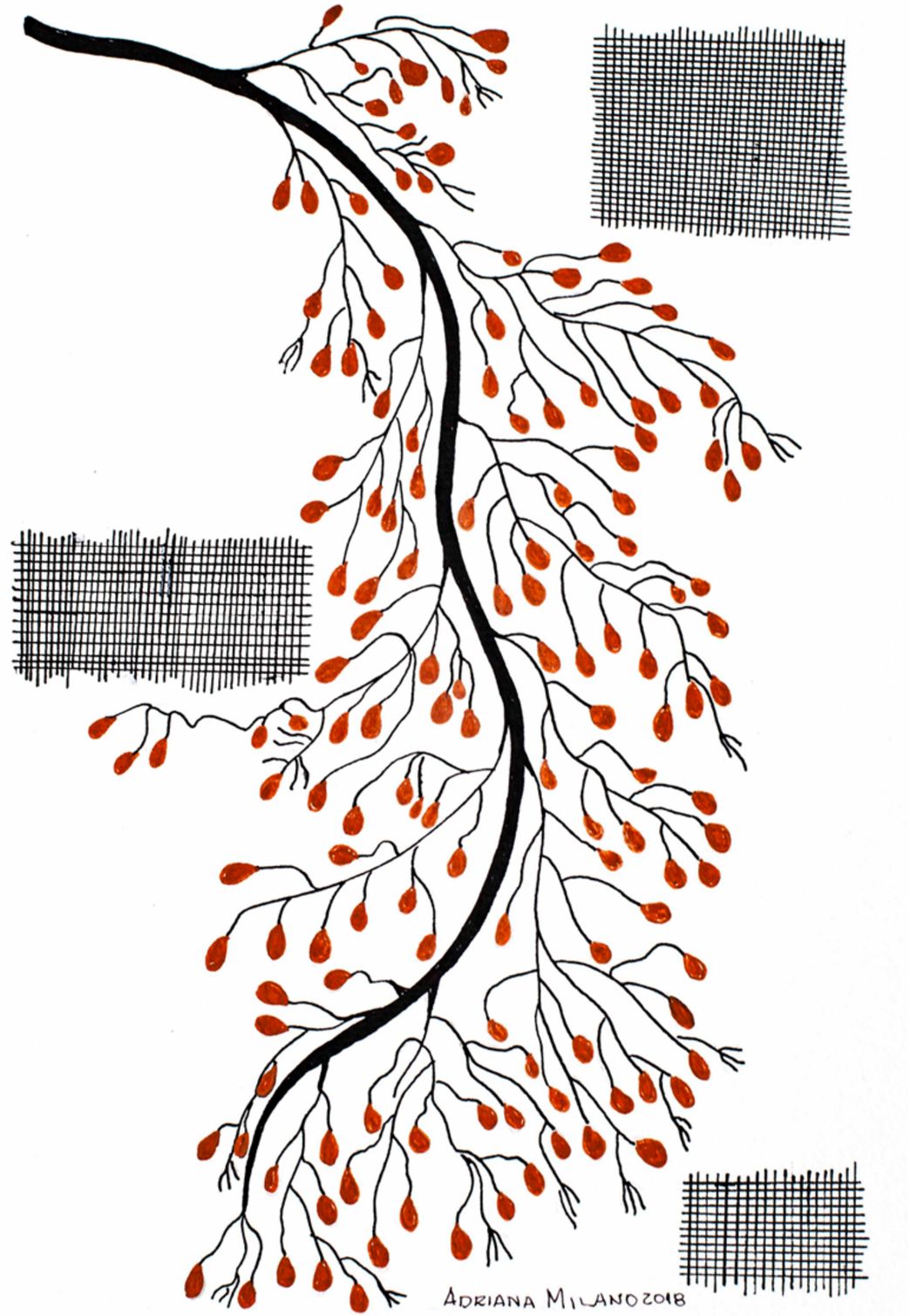
No noticiário não se fala em outra coisa. Eu assisto a tudo com muita tristeza. Quando a polícia entrou no apartamento, o aparelho de som estava ligado num volume altíssimo, tocando uma ópera que esclareceram depois ser de Henry Purcell, cujo nome esqueci, só lembro do nome da ária que a compõe, porque falaram na televisão: "When I am laid in earth". Inacreditável. Se jogou da sacada. Deixou um derradeiro bilhete (uns já estão dizendo que é miniconto, porque tem título) na mesa de jantar, sobre um monte de envelopes fechados remetidos por bancos e uma empresa de agiotagem. Nenhuma correspondência familiar, nada.

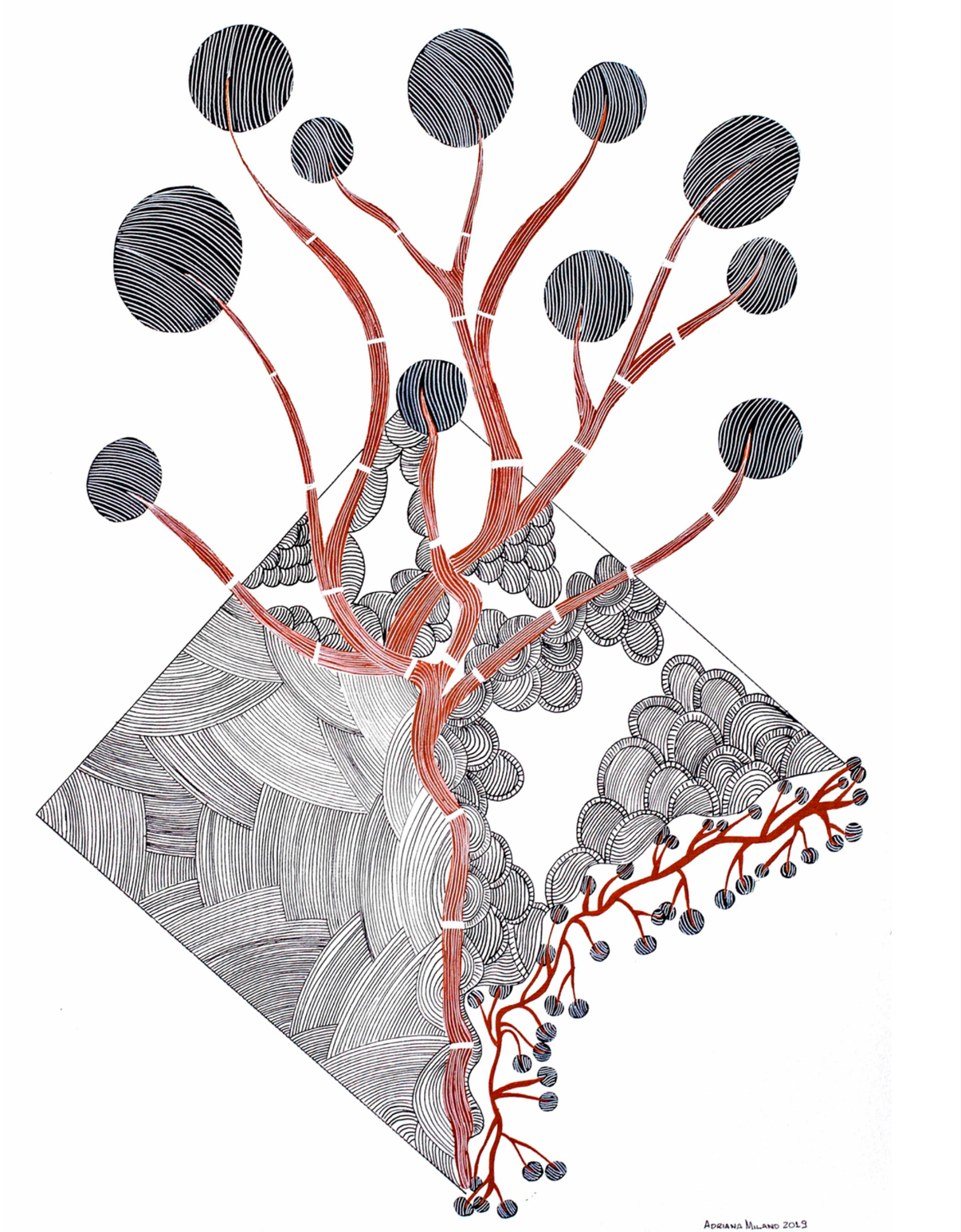
O LEGÍTIMO SOBRE

Quem contestará? Eis meu testamento: um conto para uma revista literária numa edição especial sobre machismo. Vetado. Sou homem. Um poema sobre racismo num concurso nacional "a negritude brasileira". Desclassificado. Sou branco. Um relato ficcional para um programa de TV acerca da homofobia. Desconsiderado. Sou heterossexual, casado. Por fim, um poema anticapitalista para uma antologia internacional. Rejeitado. Não é seu lugar de fala, alegaram. Quem me cobrará doravante? Lançarei a obra, salvo melhor juízo, prima. Pisoteiem à vontade.

Marta Cocco

Marta nasceu em 18/09/66 em Pinhal Grande-RS, veio para Mato Grosso em 1992 e atualmente reside em Tangará da Serra. É professora de Literaturas da Língua Portuguesa da UNEMAT, Doutora em Letras e Linguística, membro da AML e autora de 11 livros.





MIL E UMA MANGUEIRAS

(A partir de Ivens Cuiabano Scaff
E, agora, dedicado à amiga Marília Beatriz de Figueiredo Leite - in memoriam)

As noites represadas entre os galhos
marulham, negras.
Mil e uma bocas de folhagem
entre mangas e noites –
entre mangas e noites
alheias à cotação do dólar e às taxas de desemprego alheias
alheias à fermentação do amor nos peitos –

As noites represadas entre os galhos
marulham, negras.
Mil e uma bocas de folhagem
entre mangas e noites
sem conselhos, sem mensagens, sem poemas –
alheias.

Matheus Guménin Barreto
(1992-) é poeta e tradutor mato-grossense. É autor dos livros de poemas ***A máquina de carregar nadas*** (7Letras, 2017), ***Poemas em torno do chão & Primeiros poemas*** (Carlini & Caniato, 2018) e ***Mesmo que seja noite*** (Corsário-Satã, 2020). Doutorando da Universidade de São Paulo (USP) e da Universidade de Leipzig na área de Língua e Literatura Alemãs - subárea tradução -, estudou também na Universidade de Heidelberg. Teve poemas seus traduzidos para o inglês, o espanhol e o catalão; publicados em revistas no Brasil, na Espanha e em Portugal; e integrou o Printemps Littéraire Brésilien 2018 na França e na Bélgica a convite da Universidade Sorbonne.

Moema de Figueiredo Leite

SOBRE MARÍLIA

Marília é sinônimo de presença.
Marília Beatriz inesquecível. Há poucos dias ela disse: "eu não aguento" e se foi.
Na verdade não era mais possível.

Este mundo, este tempo, o de agora, não dava mais pra ela. Dona de uma grande sensibilidade, a crueldade atual doía demais nela. Mas, quando partiu não nos deixou e nem irá deixar porque sua generosidade permanece e sua presença é constante, forte e terna, sempre.

Foi uma incentivadora de muitos artistas que surgiam ou procuravam iniciar uma carreira. Não negava auxílio, ao contrário, gostava de começar com cada um. Inacreditável Marília!

Vivemos esses anos felizes, alegres ou tristes, porém, sempre ligadas em permanente construção de amor.

Fomos e penso que eternamente seremos únicas irmãs.

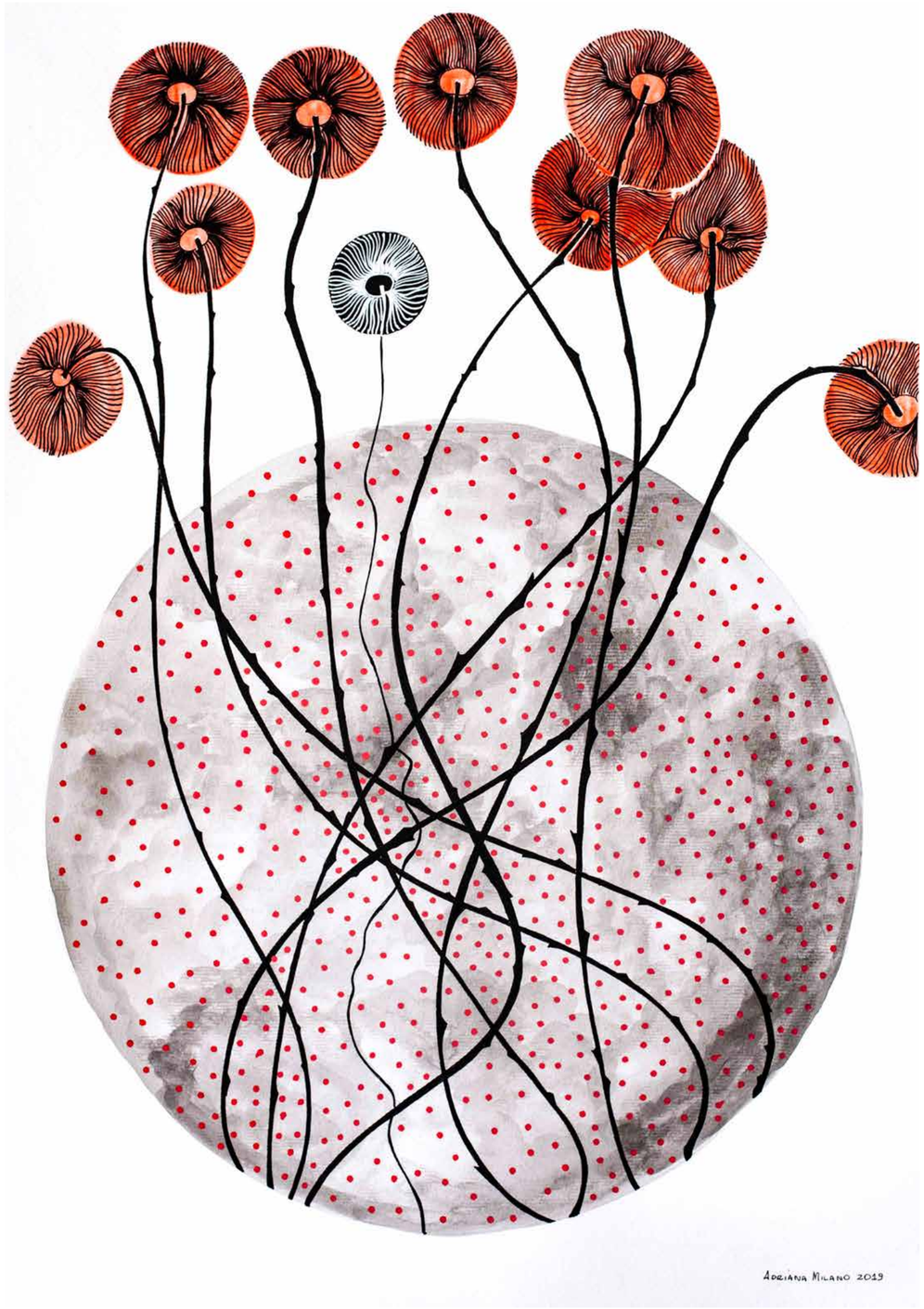
Fui abençoada na convivência com ela, porque essa oportunidade me levou a crescer, conhecendo o mundo em suas várias facetas.

Observando Marília, vi quanto ela era amiga dos amigos, pude vê-la feliz várias vezes pelo êxito dos seus próximos. Vi essa pessoa incrível admirando o mundo, as plantas que cultivava, suas orquídeas, seus cachorros e também um gato que teve e que passeava pela casa e pelo carinho de minha única irmã.

Nosso contato era de todo dia, nossas conversas, nossos almoços, nossos risos e às vezes incontroláveis acessos de riso por algum motivo bobo.

Em fim e ao fim, Marília Beatriz fica em mim e em muito mais gente como o signo de permanente cuidado e carinho.

E não é só isso. Marília é muito mais que isso!



FRAGMENTOS

I

Um sorriso enorme tão grande que lhe cobria o corpo
todo. Revestido de luz seus olhos resplandece sua es-
sência e a de quem olha espelho d'alma de olhar e se
ver de volta e assim por se fazer, me desmonta.
Está posto!
Um enamoramento
de te olhar e me ver em você!

II
Tirando o que é meu
o resto é teu.
Todo e completamente.

III
Enclausurada
em minha fortaleza de lágrimas
meu corpo podre é albergue de meu espírito insano.

IV
Não estou perdida.
Sou finda.
A cada instante, um mundo se acaba. Dentro de cada
instante,
há uma imensidão sem fim.
Finda.

V
A moça
delicada
de pensamento sempre divergente discordava calada.
A ferida sangrava
e não cicatrizava.
Por amor, clamava.
Calada.
Sentia.
Consentia.
Calada

VI
Se provoco-te o bem e o mal
Ainda assim,
o que quero é te fazer pulsar.
Frígida ou fugida
Exumarei sentimentos
para fazer te sentir a pele.

REINAÇÕES DE UMA MENTE INQUIETA

Uma ferida cicatrizou
recentemente se curou
apegada a ferida
retirou-lhe a casca
a intenção não se sabe
Quem um dia cicatrizado
pouco sente de tão ferido.

Naiara Pereira
É graduada em Psicologia pelo Centro Universitário de Várzea Grande - UNIVAG. Atua como psicóloga no contexto clínico em consultório particular sob a perspectiva psicanalítica.

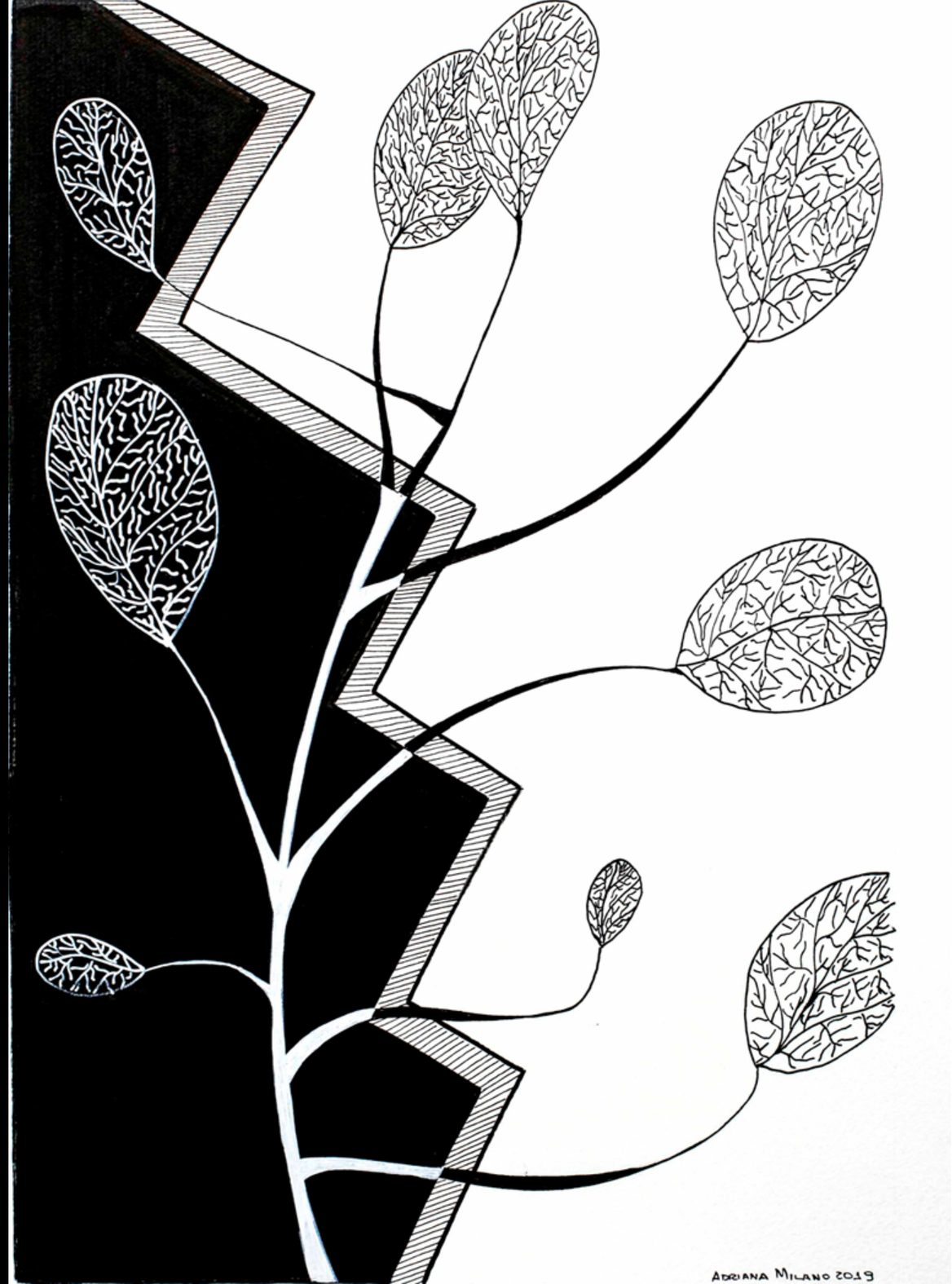
PELA ÉTICA DA PALAVRA

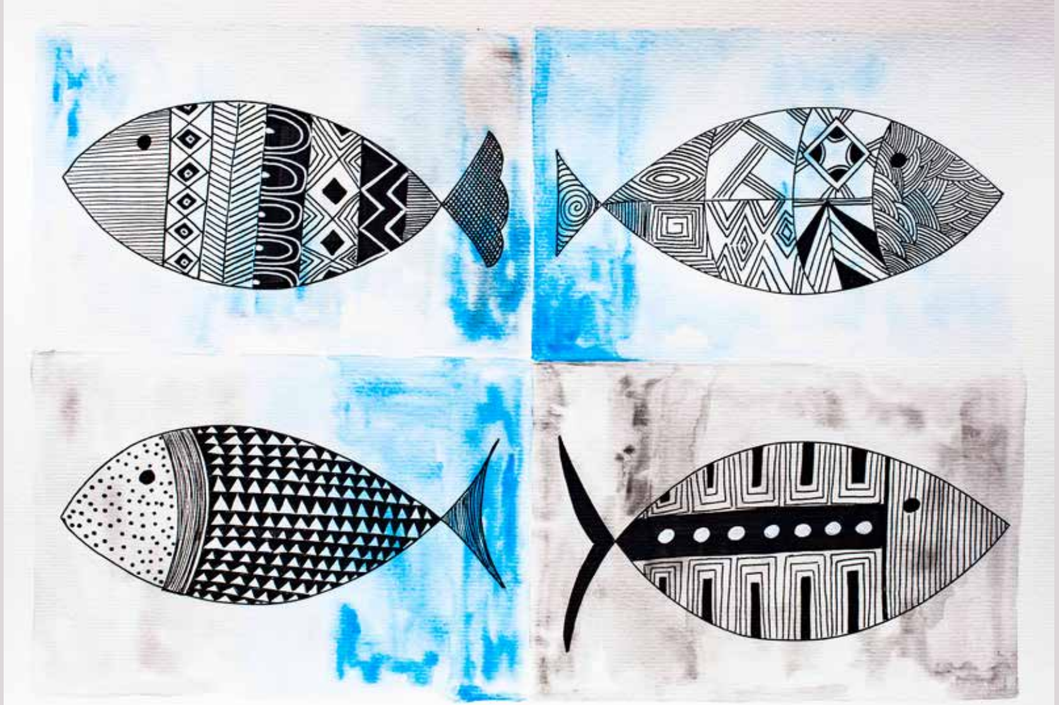
Muito do que se tem vivenciado das temáticas expostas por esta Revista Literária causa prazeres e incômodos. Bom que seja nessa ordem, pois o que é captado pelo olhar precisa ligar-se aos efeitos causados nos (e pelos) sentidos. Como, então, tenho sido levada a pensar na relação do leitor/observador comum, aquele distante dos conceitos (e preconceitos) perante o objeto artístico, incluindo aqui as artes, em geral, e a literatura, em particular? No caótico mundo contemporâneo, que momentos de êxtase, maravilhamento, comiseração, repulsa ou ódio, injetam adrenalina no olho que vê/sente/absorve imagens? O que é "bom" para os leitores em geral?

O "sumo bem" postulado por Aristóteles dizia respeito ao interesse da *polis* e atingia apenas os cidadãos que dispunham de recursos e tempo livre para se expressar em praças públicas, assumindo a voz do povo. Dessa forma, a distribuição do bem era desigual e a história foi escrita pelos padrões elitistas. O papel da crítica, mesmo que timidamente, tem procurado se pautar na expansão e ampliação dos gestos de resistência que visem à democratização da arte, livre e acessível ao coletivo, de forma a legar aos sujeitos o direito de narrar. Antônio Cândido defende o intelectual consciente do seu lugar de fala sobre o outro. Spivak reivindica o acesso irrestrito ao texto literário e o lugar do subalterno como enunciador de sua própria condição. O direito à literatura se amplia para o direito de narrar, de tal forma que o político e o estético atuam no sentido de quebrar paradigmas e apagamentos da história. Não mais os donos do poder de fala, mas os agentes sociais da história, colocando em perspectiva o (não) canônico e a representação imagética redutora a uma única versão, ao monolitismo das identidades, sem que haja possibilidades de representação da diferença e da alteridade.

Deste modo, ser contemporâneo é receber em pleno rosto o facho de trevas que provêm do seu tempo, como fala Giorgio Agamben. Então se explicita uma ética contemporânea da palavra no sentido de ser capaz não apenas de manter fixo o olhar no escuro da época, mas perceber, nesse escuro, as infinitas possibilidades no que há de mais recente. Então, o escuro não é ausência de luz, mas resultado de uma atividade especial da nossa retina. Creio ser esta a proposta doce/amarga da Pixé.

Olga Maria Castrillon-Mendes
É professora do Curso de Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso/UNEMAT, dos Programas de Mestrado Profissional em Linguagem/PROFLETRAS e Colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários/PPGEL/UNEMAT. É Sócia Efetiva do Instituto Histórico e Geográfico de Cáceres e da Academia Mato-Grossense de Letras; Líder do Grupo de Pesquisa "Questões históricas e compreensão da literatura brasileira" (CNPq/UNEMAT/2002). Integra os Grupos: RG Dicke de Estudos em Cultura e Literatura de Mato Grosso (CNPq/UFMT). É autora de Taunay viajante: construção imagética de Mato Grosso (Cuiabá: EdUFMT, 2013) e Discurso de constituição da fronteira (www.unemat.br/publicações/e-book, 2017), além de artigos em periódicos e coletâneas nacionais e internacionais.





Regina Pouchain

NA CAUDA DO SILÊNCIO

Para Marília Beatriz

Quando Eduardo Mahon me convidou para escrever sobre Marília Beatriz, dizendo que seria para um número da Revista Pixé totalmente dedicado a ela, logo, logo, comecei a refletir sobre o que eu deveria escrever entre tantas possibilidades, sem me tornar repetitiva, sabendo que o objeto de desejo mais aspirado, ia girar em torno da sua poesia. Passados alguns instantes, concluí que seria uma oportunidade de tornar público os misteriosos e inexplicáveis acontecimentos que vinham ocorrendo entre nós.

Ultimamente vínhamos conversando com bastante freqüência, seja por telefone ou através de mensagens no WhatsApp. Era uma troca interessante, na maioria das vezes sobre arte em geral, cultura, poesia ou sobre nossos projetos. Recentemente havia me dito: "você foi um prêmio que Wlademir deixou para mim, como se de alguma maneira, eu pudesse estar com ele através de você". Certo dia, já em plena pandemia, ela me falou que estava com vontade de fazer um livro sobre o que seria o *silêncio*, onde ela pudesse perguntar para todas as pessoas comuns e intelectuais, sobre como definiriam o *silêncio*. Estava determinada a entrevistar taxistas, o padeiro da esquina, o verdureiro, enfim... os amigos poetas ou não. Fiquei surpresa, sobretudo porque o *silêncio*, tal como cada um de nós o percebe, sempre me intrigou. E justamente por isso, eu mesma tinha escrito muitos aforismos sobre o *silêncio*. Ela também ficou surpreendida, então me disse: "envia pra mim seus aforismos, que eu também te envio os meus". E assim fizemos. Cada uma leu o arquivo da outra. Pouco tempo depois, ela me liga, dizendo que tinha gostado muito, que estava resolvida, não ia mais fazer o livro com ninguém, e me perguntou se eu topava fazer o livro com ela. Fiquei espantada com a idéia, mas disse imediatamente que sim. Por que não? – perguntei. A partir desse momento, nasceu nosso livro. Amadurecendo a idéia sobre a estrutura do livro, comecei a pensar na visualidade. Não consigo imaginar o objeto livro, sem um acordo com a sua visualidade. Então propus à Marília, colagens que eu diagnostiquei como *"os ruídos do mundo"*, e como tal, fariam um diálogo com nosso texto - onde repousariam nossos *silêncios*. Assim sendo, em comum acordo e em plena pandemia, eu alternava os poemas visuais que fazia sobre o vírus, a diagramação do meu texto e o de Marília, e as colagens para o nosso livro. Pensei comigo: o título poderá ser algo como: Ruído/*Silêncio*, com o intuito de torná-lo mais visual. Ela vibrava com as minhas propostas. Eu disse: "temos que fazer um livro bonito". Poeta em geral, só tem livro bonito depois que morre. Nem Drummond conseguiu ter um livro bonito antes de falecer. Então Marília me disse que estava tudo ótimo, a única exigência da parte dela é que ela gostaria que o livro fosse do tamanho do meu "Provenientes do Azul". Então completei: e de capa dura. Um livro mais artístico do que somente de poesia.

Com o avançar da pandemia Marília começou a questionar como estava o andamento do livro, quantos por cento faltava para terminar... Etc. Achei estranho. Cheguei a dizer que não estava correndo, porque sabíamos que eu não poderia ir à Cuiabá e nem ela vir ao Rio, pois ninguém podia viajar. Estávamos em pleno mês de maio. Todo o Brasil em quarentena. Assim eu estava preparando o livro sem correria... Algum tempo depois, Marília disse que ia me enviar um documento por email, dizendo que se algo acontecesse com ela, eu poderia fazer o que quisesse com seu texto. Aquilo me incomodou um pouco, então eu disse que faria o mesmo. Pouco tempo depois, talvez um dois dias, ela me enviou através do zap, uma autorização, para que eu publicasse, enfim fizesse o que achasse melhor do seu texto, orientando sobre sua vontade. Disse ainda que mandaria por email uma autorização bem melhor redigida.

A partir daí compreendi que ela estava com receio de pegar o vírus. Comecei a me preocupar muito e a correr com o livro, que a essa altura estava todo diagramado, mas eu precisava terminar as colagens/ruído do mundo. Trabalhei incansavelmente durante dias e dias. Marília chegou a me propor um lançamento virtual e eu que não gostei muito, acabei aderindo à idéia. Estava ansiosa. Ia conversar com Matheus, sobre sua experiência, em lançamento de um livro virtual.

No dia 13 de junho comentei que o que tinha me salvo naquele dia, tinha sido nosso livro, pois era o dia, em que eu havia perdido minha irmã, dois anos antes. Então ela comentou num áudio, que uma vez lamentando dolorosamente a perda da mãe, um amigo lhe disse algo fantástico: "a gente não perde ninguém, você guarda as pessoas na memória, na admiração, no comportamento, e até nas coisas que fizer no futuro".

Falei que as imagens do livro estavam conversando com nossos textos e que eu ia enviar pelo Wetransfer para que ela as visse, assim que ficassem prontas. Reclamou que um dos braços doía muito, que nem podia digitar.

No dia 15 enviei um zap dizendo que tínhamos 57 colagens prontas e quando completasse 60, enviaria. Eu estava correndo, correndo, e nem sabia direito o motivo.

Domingo 21, ela escreveu curiosamente um texto analisando o meu trabalho, onde se pode ler o seguinte: "quanto à sua produção, muitas vezes imagino que a sua "mirada" vai para lá de qualquer real, isto é, o que você captura, o que você fabrica está próximo de uma luta interior, porém de algo impossível de descrever, o que em semiótica é o signo icônico - o indizível - agora o que é fantástico - você fala/produz em todas as linguagens tanto visual quanto textual. Aí está uma das suas riquezas e tem algo +, seu olhar atravessa a matéria presente e lança o que não se vê e o que virá..."

E continuou... "enquanto isso eu aqui trabalho com a cesta básica/alimento para a mente. Imagina que uma editora resolveu doar 65 livros, tive que recusar (mas achei legal). Fica bem e tenha um domingo rico!" Ela se referia à uma das tantas campanhas que participou ou criou com sua inesgotável energia e generosidade.

Enviei então o último poema visual, feito no dia anterior sobre a pandemia, cujo título era: Ode à Vida.

Dia 23 de junho recebi a mensagem: "to cansada e com dor de cabeça. Uma correria para acertar a questão das cestas, carro rateado. Live hoje. Você mora no meu coração. Conversei com Matheus. Amanhã chamo você".

Dia 24 ou 25 de junho telefonei pela manhã, Marília atendeu com uma voz terrível, parecia muito gripada. Foi então que disse: "estou com pneumonia".

Creio que no dia 26 ela comentou que tinha melhorado, estava chegando da pneumologista e que o Ivens Scaff, um amigo querido de Marília, poeta e médico, tinha ido à sua casa. Fiquei mais tranqüila.

Dia 3 de julho, dia em que preparava tudo, texto e imagens para começar a montar o livro no programa definitivo, Marília faleceu.

Não sei se conseguiu ver as 60 colagens que cheguei a enviar. Sei que nunca verá o livro tão desejado com seus últimos textos como matéria palpável. Por outro lado ela conheceu muito bem seus fragmentos, combinações transversais, subjacentes. Como tinha uma imaginação poética fortemente semiótica, soube com certeza ouvir o alcance da sua voz. Marília de fato não morreu. Em sentido absoluto ninguém morre: os que amamos - parece pueril repetir mil vezes - estarão sempre entre nós, presentes em nosso comportamento, nas boas lembranças que nos trazem, em tudo aquilo que contribuíram, quer sejam experiências, ensinamentos, e em nossos projetos, com suas silenciosas iluminações.

Rio de Janeiro 20/07/2020

MARÍLIA

Meus versos encontraram repouso no papel
De tanto verso virou poema
De tanto poema virou a página
De tanta página virou livro

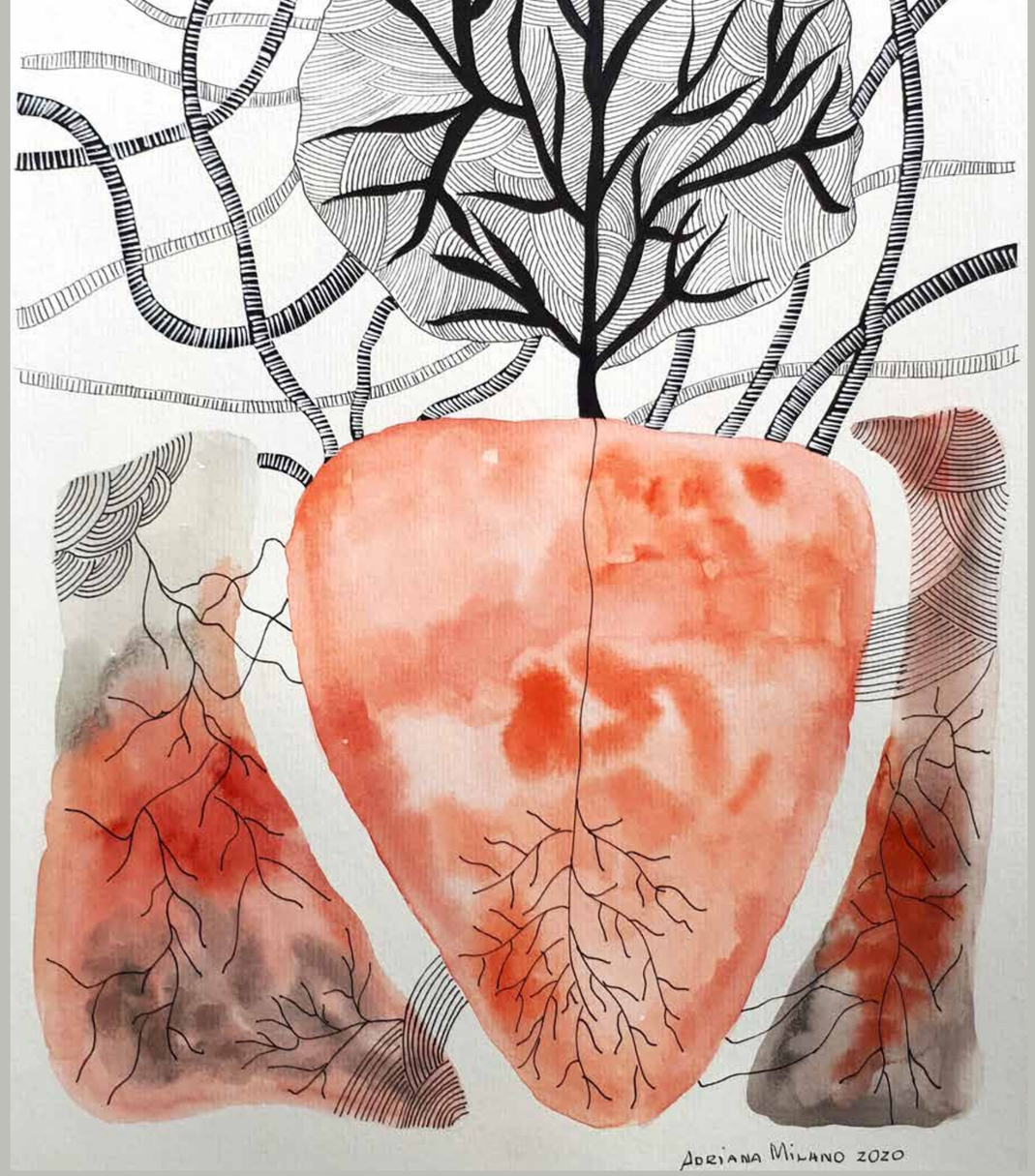
Fechei.

Selei a capa com uma aldrava
Que esperava o seu toque
Encerrei ali poemas que você não lerá
Foram-te negados, minha infeliz sorte.

De que vale essa poesia agora?
Experimento a impotência do verso,
Do Livro enclausurado no envelope amarelado.

Marília,
Amizade que nasceu da literatura
e seguiu na letra dura
da vida.

Edson Flávio
Edson Flávio é cacerense, doutor em Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso (PPGEL/UNEMAT) e pesquisador na área de Literatura. É autor de Aldrava (2020) e escreve desde quando descobriu seu amor pela poesia.



HALUHALUNEKISU, A ÁRVORE DO SABER

Anna Maria Ribeiro Costa
É doutora em História pela UFPE e Professora do Univag. Chegou às terras do povo indígena Nambiquara na Primavera de 1982. Dos índios recebeu o nome Alusu, por conta de seus hábitos alimentares. Nessas terras, conheceu José Eduardo, com quem tem dois filhos: Theo e Loyuá. Vem se dedicando aos estudos sobre os povos indígenas de Mato Grosso, com especial atenção ao Nambiquara.

AMOR DE ÍNDIO

Relações sexuais entre humanos e inumanos ou com espécies da fauna e da flora são comuns nas crenças e nas narrativas mitológicas de diversos povos indígenas. Na sociedade Nambiquara, humanos, especialmente os do sexo masculino, podem manter relações sexuais com plantas, animais e seres sobrenaturais. Um pajé Nambiquara tem duas mulheres: uma mulher humana e outra inumana. Na puberdade, desposa de uma jovem, união arranjada entre seus pais e os da nubente; mais tarde, quando estiver de posse de seus poderes xamanísticos, uma mulher-espírito o procurará para casamento. Das relações sexuais, nascerão crianças-onças e uma grande variedade e quantidade de frutas que abastecerá a aldeia naquele ano.

Ao se unir a uma mulher-espírito, o pajé acumula mais poder. A mulher-espírito tem liberdade de procurar pajés para se casar. Como são espíritos da natureza, não possuem laços de parentescos com nenhum Nambiquara e, por isso, estão desapegadas às regras que direcionam a teia matrimonial. Acham-se livres para escolher aquele que mais lhe agrada e permanecer em sua companhia enquanto estiver enamorada. Mas, se o esposo-pajé e os moradores da sua casa lhes causarem alguma dor, a mulher-espírito poderá ir embora, quando procurará outro o pajé.

Nos rituais de cura, mulheres-espíritos auxiliam o pajé no diagnóstico da doença e indicação medicamentosa à base de plantas medicinais ou mesmo, em menor escala, de animais (caldo de caninana e de perdiz). Assim como a esposa-humana do pajé permanece ao seu lado nas sessões de cura para abastecer de chicha o caldeirão e para acompanhá-lo na cantoria, sua esposa-espírito, também representada por uma onça, coopera no processo de cura e ensina-lhe novas cantigas. Dona de ornamentos mágicos, moradora das cavernas, sua imagem assemelha-se à da mulher humana, mas de beleza superior. Ela conta com a colaboração de outras mulheres-espíritos, suas irmãs, para abastecer a mata e o cerrado de frutos e tubérculos, resultado das relações sexuais com o pajé.

O pajé deve cultivar com astúcia um ambiente familiar harmonioso para sua esposa-espírito, a fim de que ela permaneça ao seu lado, junto a sua família. Todos usufruem da união do pajé com uma mulher-humana e com uma mulher-espírito, pois podem contar com sua proteção contra espíritos sobrenaturais que sempre estão à espreita, à espera do momento oportuno para lhes fazer mal. Mulher-humana e mulher-espírito são parceiras.

Sem os poderes de uma mulher-espírito, que pode se metamorfosear em onça, o pajé jamais terá a credibilidade dos demais moradores de sua aldeia. Ele precisa ter muita habilidade com sua esposa humana e com sua esposa-espírito para que possa usufruir de suas companhias por tempo duradouro, a engrandecer seus poderes, sua notoriedade como pajé.

PIÉ

REVISTA LITERÁRIA